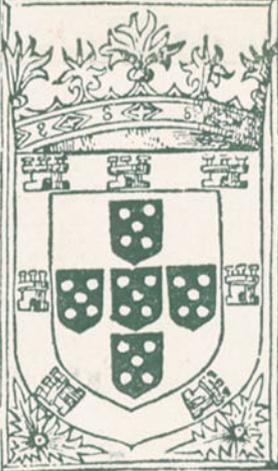
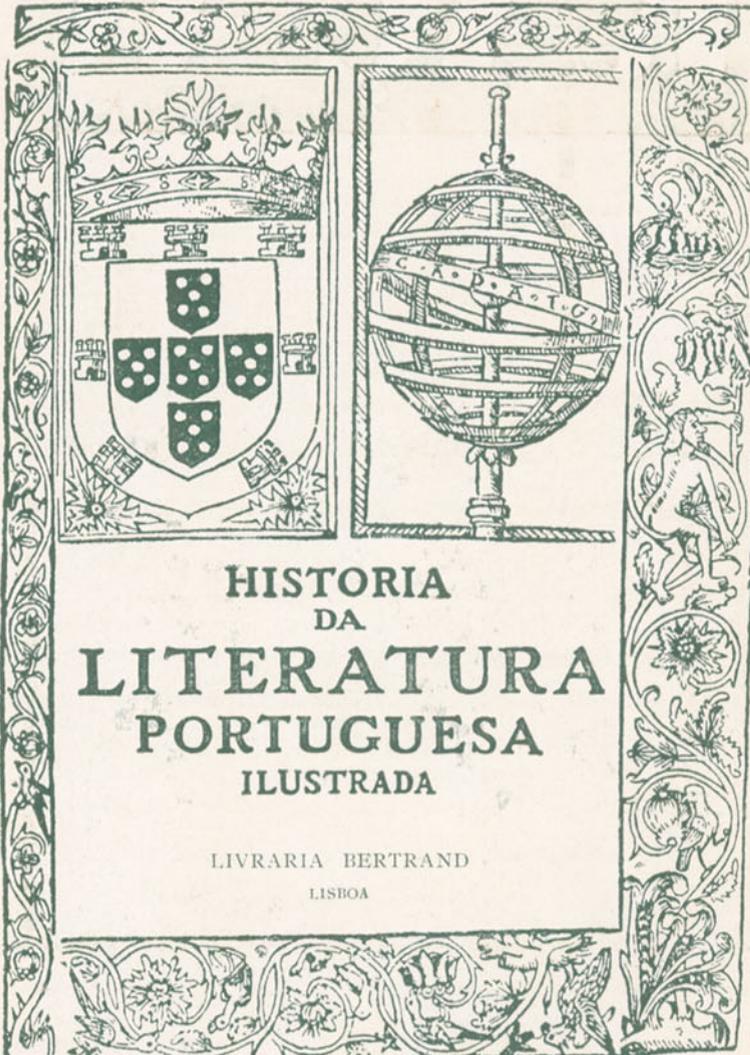


ILUSTRAÇÃO



UMA DAS PRINCIPAIS RUAS DE XANGAI



**HISTORIA
DA
LITERATURA
PORTUGUESA
ILUSTRADA**

LIVRARIA BERTRAND
LISBOA

A sair brevemente o XXXIII tomo

A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE

EDITADA EM PORTUGAL

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) 11\$50

3 meses 6 meses 1 ano

Assinatura (pagamento adiantado) 30\$00 59\$00 118\$00

REGISTADO

ÁFRICA ORIENTAL, OC DENTAL E ESPANHIA 34\$50 67\$00 132\$00

ÍNDIA, MACAU E TIMOR 36\$00 79\$00 138\$00

ESTRANGEIRO 37\$00 72\$00 142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

**HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA
PORTUGUESA**

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
ANTÓNIO BAILO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
BRITO CAMACHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonisação do Brasil*.
CRISTOVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
COELHO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camoneanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academias das Ciências de Lisboa.
MOSES BENBAT AMZALACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
P. M. LARANJO COELHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIRÓS VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

**A HISTORIA ILUSTRADA DA
LITERATURA PORTUGUESA**

(FORMATO 32x25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PAGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,
MAGNICAMENTE ILUSTRADOS

E CONTERÁ

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-similes de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a cores.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALISADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... .. 10\$00

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand, Ltd.^a

Editor: Francisco Amaro

Composto e impresso na tipografia da Sociedade Gráfica Editorial, Rua da Alegria, 30 — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular.	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada).	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada).	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colonias	—	63\$00	126\$00
(Registada).	—	67\$00	135\$00
Brasil.	—	66\$00	132\$00
(Registada).	—	75\$00	150\$00
Outros países.	—	75\$00	150\$00
(Registada).	—	84\$00	168\$00

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

BALSAMO AROMA

Constituintes de Linimento de Rosen - Salicylato de amylo - Menthol - Capsicum

RHEUMATISMO - GOTTA - LUMBAGO

SCIATICAS - NEVRITES - ENTORSES - PLEURESIA SECCA - PONTADAS do LADO

Laboratorios MAYOLY-SPINDLER, 1, Place Victor Hugo - PARIS (XVIº)

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

CARLOS EMPIS — Rua de S. Julião, 23, 1.º — LISBOA — Telef. 22374

A dona de casa



Tem a responsabilidade dos deveres da casa, mas também tem os deveres da sociedade. E nem todos os dias está em condições de fazer frente às contrariedades da vida, especialmente quando algum mal a incomoda, quer seja dor de cabeça, de dentes, enxaqueca, nevralgias, ou os incomodos mensaes, etc. que são causas de mau humor e prostração.

Nestes casos deve ter á mão a

CAFIASPIRINA

que não só faz desaparecer as dores, mas também possui a acção reanimadora e estimulante da cafeína. Com ela podem cumprir-se as obrigações da vida com bom animo e satisfação.

Tome, pois, Cafiaspirina.

Não afecta o coração nem os rins.



PRECISAM-SE

PARA TODAS AS PARTES DE
GERENTES de SUCCURSAIS

Não são precisos conhecimentos especiaes,
nem armazem,
nem capital liquido

Ordenado: 150 a 200 dollars, por mez

Escrever a "Novelty" á Valkenburg, (Hollanda)



O Verdadeiro Acolhimento

completa-se, oferecendo-se uma bebida agradável e que possua renome universal. A mesa de chá tornar-se-ha mais convidativa, mais distinta, se a qualidade for



CHÁ HORNIMAN

Sómente em pacotes
de 14—50—125 e 250 gramas.



Novidade Sensacional

Com o **PENTE ONDULADOR** transforme os seus cabelos lisos em naturalmente ondulados para toda a vida !
Duma maneira geral procede-se da seguinte forma : Lavam-se os cabelos e secam-se pouco ; depois de desembaracados com um pente apropriado (desenhamado), pentear com a cabeça ainda húmida, com o **PENTE ONDULADOR** de forma que as ondas do pente sejam dirigidas para o exterior. Fazer desfilar o pente através dos cabelos na posição indicada cerca de 10 a 15 vezes, e assim se obtém uma linda ondulação para sempre.



Preço Esc. 15\$00

Exclusivo de venda :
ACADEMIA SCIENTIFICA
D. E. B. E. L. E. Z. A
M. dos CAMPOS
Av. da Liberdade,
35 — Lisboa

Contos, Novelas e Romances

Amor e o Tempo (O) por Dr. Augusto de Castro	15\$00	Homem dos Dois Corações (O) por Rocha Martins	3\$00
Art.º 438.º (O) por D. Carmen de Burgos, tradu- ção de Lopes de Sousa	3\$00	Matou por Amor (A que) por D. Emilia de Sousa Costa	3\$00
Cinco Mil Francos por Mês por Reinaldo Ferreira.	3\$00	Minha Mulher por W. Fernandes Flores.	3\$00
Colecção "Diário de Notícias" por diversos autores.	7\$50	Mort de D. Juan (La) por Paulo Osório	8\$00
Drama na Sombra (O) por Ferreira de Castro	3\$00	Noite de Núpcias por Lourenço Cayola	3\$00
Ele e Eu por Augusto Pinto	5\$00	Ruínas por D. Helena de Aragão.	8\$00
Fumo dos Casais por D. Maria da Nobrega	10\$00	Sombras e Claridades por D. Helena de Aragão.	8\$00
		Veneno do Sol (O) por D. Fernanda de Castro.	10\$00

À venda na filial do **DIÁRIO DE NOTÍCIAS**

LARGO DE TRINDADE COELHO, 10 e 11



Um dos melhores livros para crianças
últimamente publicados é

O Pretinho de Angola

POR

CÉSAR DE FRIAS

Nos sete formosos capítulos deste 32.º volume da **Biblioteca dos Pequeninos** conta-se a história comovedora do mais simpático pretinho estudioso.

Sugestivas ilustrações de Ilberino dos Santos

Preço: 5\$00

A' venda na Filial do *Diário de Notícias*, **Largo de Trindade Coelho, 10 e 11**, e em todas as livrarias

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos
conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—DA TERRA A LUA, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
2—A RODA DA LUA, 1 vol.
3—A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS, 1 vol.
AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:
4—1.ª parte—*Os ingleses no Polo Norte.* 1 vol.
5—2.ª parte—*O deserto de gelo.* 1 vol.
6—CINCO SEMANAS EM BALÃO, 1 vol.
7—AVENTURAS DE TRES RUSSOS E TRES INGLESES, 1 vol.
8—VIAGEM AO CENTRO DA TERRA, 1 vol.
OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:
9—1.ª parte—*América do Sul.* 1 vol.
10—2.ª parte—*Austrália Meridional.* 1 vol.
11—3.ª parte—*Oceano Pacífico.* 1 vol.
**VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-
NAS:**
12—1.ª parte—*O homem das águas.* 1 vol.
13—2.ª parte—*O fundo do mar.* 1 vol.
A ILHA MISTERIOSA:
14—1.ª parte—*Os naufragos do ar.* 1 vol.
15—2.ª parte—*O abandonado.* 1 vol.
16—3.ª parte—*O segredo da ilha.* 1 vol.
MIGUEL STROGOFF:
17—1.ª parte—*O correio do Czar.* 1 vol.
18—2.ª parte—*A invasão.* 1 vol.
O PAÍS DAS PELES:
19—1.ª parte—*O eclipse de 1860.* 1 vol.
20—2.ª parte—*A ilha errante.* 1 vol.
21—UMA CIDADE FLUTUANTE, 1 vol.
22—AS INDIAS NEGRAS, 1 vol.
HEITOR SERVADAC:
23—1.ª parte—*O cataclismo cósmico.* 1 vol.
24—2.ª parte—*Os habitantes do cometa.* 1 vol.
25—O DOUTOR OX, 1 vol.
UM HERÓI DE QUINZE ANOS:
26—1.ª parte—*A viagem fatal.* 1 vol.
27—2.ª parte—*Na África.* 1 vol.
28—A GALERA CHANCELLOR, 1 vol.
29—OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN, 1 vol.
30—ATRIBUIÇÕES DE UM CHINES NA CHINA, 1 vol.
A CASA A VAPOR:
31—1.ª parte—*A chama errante.* 1 vol.
32—2.ª parte—*A ressuscitada.* 1 vol.
A JANGADA:
33—1.ª parte—*O segredo terrível.* 1 vol.
34—2.ª parte—*A justificação.* 1 vol.
AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:
35—1.ª parte—*A descoberta da terra.* 1.º vol.
36—1.ª parte—*A descoberta da terra.* 2.º vol.
37—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII.* 1.º vol.
38—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII.* 2.º vol.
39—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX.* 1.º vol.
40—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX.* 2.º vol.
41—A ESCOLA DOS ROBINSONS, 1 vol.
42—O RAIOS VERDE, 1 vol.
KÉRABAN, O CABEÇUDO:
43—1.ª parte—*De Constantinopla a Scutari.*
44—2.ª parte—*O regresso.* 1 vol.
45—A ESTRELA DO SUL, 1 vol.
46—OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO, 1 vol.
MATIAS SANDORFF:
47—1.ª parte—*O pombo correio.* 1 vol.
48—2.ª parte—*Cabo Matifoux.* 1 vol.
49—3.ª parte—*O passado e o presente.* 1 vol.
50—O NAUFRAGO DO «CYNTHIA», 1 vol.
51—O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672, 1 vol.
52—ROBUR, O CONQUISTADOR, 1 vol.
NORTE CONTRA SUL:
53—1.ª parte—*O ódio de Texar.* 1 vol.
54—2.ª parte—*Justiça!* 1 vol.
55—O CAMINHO DA FRANÇA, 1 vol.
DOIS ANOS DE FÉRIAS:
56—1.ª parte—*A escuna perdida.* 1 vol.
57—2.ª parte—*A colónia infantil.* 1 vol.
FAMÍLIA SEM NOME:
58—1.ª parte—*Os filhos do traidor.* 1 vol.
59—2.ª parte—*O padre Joan.* 1 vol.
60—FORA DOS EIXOS, 1 vol.
CÉSAR CASCABEL:
61—1.ª parte—*A despedida do novo continente.* 1 vol.
62—2.ª parte—*A chegada ao velho mundo.* 1 vol.
A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:
63—1.ª parte—*A procura dos naufragos.* 1 vol.
64—2.ª parte—*Deus dispõe.* 1 vol.
65—O CASTELO DOS CARPATHOS, 1 vol.
66—EM FRENTE DA BANDEIRA
A ILHA DE HÉLICE:
67—1.ª parte—*A cidade dos biliões.* 1 vol.
68—2.ª parte—*Distúrbios no Pacífico.* 1 vol.
69—CLOVIS DARDENTOR, 1 vol.
A ESFINGE DOS GELOS:
70—1.ª parte—*Viagens aos mares austrais.* 1 vol.
71—2.ª parte—*Lutas de marinheiro.* 1 vol.
72—A CARTEIRA DO REPÓRTER, 1 vol.
O SOBERBO ORENOCO:
73—1.ª parte—*O filho do coronel.* 1 vol.
74—2.ª parte—*O coronel de Kermor.* 1 vol.
75—UM DRAMA NA LIVÓNIA, 1 vol.
76—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN, 1.º vol.
77—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN, 2.º vol.
78—A INVASÃO DO MAR, 1 vol.
79—O FAROL DO CABO DO MUNDO, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

Hallo... Hallo... Jeanette...



65747 Hollywood.

é o número que V. Ex.^{as} podem pedir para falar com Jeanette Mac Donald. Para isso é necessário ter telefone. Da vossa casa, cinéfalos, por 50\$00 por mês, podereis até falar com as... estrêlas.

Este é um anúncio da

COMPANHIA PORTUGUESA TELEPHONE Co. Ltd.

R. Nova da Trindade 43—Lisboa
R. da Picardia, 5—Porto

Crónica da Quinzena

BATIDA AOS LOBOS

O método, inventado pela nova Rússia, da insinceridade perfeita nas falas dirigidas ao mundo, como manifesto do seu pensar e proceder, foi ao que parece, adoptado como norma pelos ouvintes indicados ou chamados a responder-lhe.

Sabe-se que a astúcia de Moscovo se mostrou sempre solícita em declarar o Estado soviético à parte dos negócios respeitantes à III Internacional gerada no seu ventre revolucionário. Se a actividade deste organismo incomodava os povos governados por sistema político diverso, culpa não cabia a quem se dedicava à gerência da U. R. S. S., fenómeno local, sem intervir na propaganda de doutrinas filosóficas professadas por aquela escola, fenómeno universal.

Assim lavadas as mãos de responsabilidades, o vermelho passou por onde quis, ensinando a arte de tornar feliz o género humano, em que se julga mestre. De tal semcerimónia resultaram dissabores que os povos habituados a entender de modo diverso, acharam excessivos, mesmo absurdos. E a irritação começou a entrar nos ânimos, depois de compreendida a farça a que assistia a parte culta da humanidade, vendo o bárbaro a pretender expropriar o civilizado.

O clamor propagou-se. Preguntava-se aos responsáveis pelos destinos do mundo, se consentiam o escândalo. Ninguém se dava por achado. Somente veio a notar-se que o vício moscovita de enganar, sem vergonha, o semelhante, negando com os actos o jurado por palavra, se difundia de oriente a ocidente, apresentando o branco da Europa, na prática de mentir, a mesma cara, armada em riso, que o amarelo.

Demorou bastante o preparo do artifício que dará o tróco, aos impostores do Kremlin, na moeda por eles posta em giro. Tanto não impede que, no intervalo, hajam conseguido difundir, por todos os continentes, as suas falsidades de sentimento, de pensamento, de moral social, que conduziram à ruína o crédito, ou seja a boa fé nos contratos, base estrutural das sociedades e cultura dominante até 1920. E a ponto de haver muito quem duvide da possibilidade de retroceder, colocando no antigo posto a confiança que cimentava as relações dos homens.

Aguardemos, para nos orientarmos, o termo do prélio que se desenvolve na China, onde o russo começou a receber golpes da arma por ele fabricada, e a todo o momento brandida contra o mundo inteiro. Sob a aparência

enganosa de uma briga passageira entre chins e nipónicos, está o invasor da Internacional Vermelha recebendo o contra-ataque violento que os povos livres pretendiam. Conforme o absurdo dos tempos, quem recebe as feridas é a carne chinesa, ingénua, consentidora da prova; há-de sofrer-lhe as consequências a maranha urdida pelos sectários obedientes a Stalin.

Assim transparece, à medida que a acção se desenvolve, o sentido oculto da contenda, onde nítido se define o pavor russo perante a ameaça. Silencioso, ele que tão arrogante se manifestava, recuando sempre depois de proclamar a ambição de império universal, através da fé de que manteria o pontificado; tal se revela a quem prescrua os seus movimentos. Ao ímpeto japonês, seguro, tomando conta do espaço sujeito à sua influência, nem um gesto de desagrado se permite opôr.

Percorridas as voltas e passes, convenientes ao jogo combinado, a Mandchúria com a Mongólia ergueram-se em muralha intransitável para o propagandista do verbo bolchevique. Não podia ignorar o que acaba de suceder-lhe, corte decisivo na expansão que iniciara e prometia desenvolver. Mesmo assim, nem uma palavra mal humorada lhe saiu da boca.

Sinal de quê? De impotência, no fim denunciando mais um embuste, entre tantos postos em cena para iludir e aterrar as gentes crédulas do ocidente.

Esse terrível exército vermelho, com catorze milhões de soldados masculinos e femininos, capaz de devorar, de uma dentada, o europeu infiel, talvez haja de contar-se como um dos delírios traçados no papel pelos infatigáveis redactores de programas da União Soviética. Se, na verdade, existisse a poderosa máquina guerreira, destinada a promover a ventura e paz definitiva dos homens sobre a terra, o momento propício de experimentá-la oferecia-se agora, pondo-a a manobrar em favor da China infeliz. De tal máquina tão apregoada, não se fala nesta boa oportunidade que se apresenta. Daí, a dúvida que, em breve, aportará a esclarecimento perfeito, quebrando a lenda terrífica de Apocalipse que pairava na atmosfera da Europa e América.

Para melhor juízo, esperemos pelos actos seguintes da tragi-comédia em cena, que já proporcionou bastas surpresas ao espectador atónico.

Dado o especial acondicionamento do tema em que os executantes vertem sangue real, de feridas autênticas, difícil se torna admirar

e aplaudir os que promovem o seu desempenho. Somente parece lícito reconhecer que dentro do sistema de felonía adoptado pelo russo, nas suas lutas com estranhos, este se revela exemplar perfeito, muito acima dos melhores até hoje apresentados pelos inventores. Assim devia ser, uma vez acordado que a inteligência para o bem, como para o mal, ainda conserva supremacia, em ductilidade e subtilidade, da banda de cá.

Por isso o tom empolado dos protestos enviados ao Japão por parte das nações testemunhas, adquire intenso valor histriónico, nunca atingido pelos actores do Kremlin. Indigna-se a U. S. A., a Inglaterra zangam-se, a França, a Itália, a Alemanha, revelam sentimentos de desgosto ao Comissário de Polícia oriental que tomou o encargo de meter na ordem um povo imenso, caído em incompreensível confusão. E de tantos ralhos, com severas reprimendas, chegadas das cinco partes do mundo, apenas resulta pura e simples a literatura dramática dispendida, e segundo a rubrica, guardada nos bastidores.. Contra-regra da grande peça, indícios mostram que seja a muito conhecida S. D. N., neste papel achando a melhor representação do seu irónico destino.

Ninguém antevê, nem mesmo os directores de cena, o número de quadros, os tempos e modos a empregar até ao desfecho. Esse, sim, ao menos em propósito, em anseio, deve aceitar-se que conduza ao enjaulamento do lobo vermelho, restringindo, pouco a pouco, o espaço livre para os seus assaltos.

Não se fala nêle, nem se lhe pronuncia o nome, por desnecessário ao objectivo concreto de terminar com a intriga internacional, urdida de imposturas, que trás em desassossego os povos do mundo inteiro, porque se lhe promete, de seguro, a reconquista do paraíso terreal.

Ao monstruoso charlatanismo político, que tanto concorreu para endurecer as condições da vida social e individual, parece opôr-se, enfim, a crítica séria que o reduza a condição verídica, mostrando, tal qual é, a receita de felicidade perpétua, anunciada por excitados de espírito, affectos à sua propaganda.

Quando se procura uma lógica aos acontecimentos referidos, a conjectura delineada toma aparência de razão de ordem, única admissível. Se os factos a desmentirem, culpe-mos o absurdo que o tempo presente se compraz em manter, como sinal dominante, na mor porte dos fenómenos sociais.

Samuel Maia.

DESDE longuíssimo tempo descobriu e aceitou o homem esta ideia que governa o mundo animado: a Morte é necessária à Vida. Mas, de remota data também, desde que o homem individual saiu da pura animalidade, sublimou-se-lhe um sentimento que nascera com êle e nunca morre — e que vem a ser o desejo de não morrer.

Contrariado pela experiência cotidiana de que a Morte não poupa ninguém, nem assim êste desejo desesperou: a esperança da imortalidade, não podendo subsistir na terra, ganhou asas e voou para o Céu.

A ideia de que temos num corpo mortal uma alma que não morre é um prémio de consolação que, sob formas diversas, segundo o grau do progresso intelectual, da fé ou da esperança, quasi todo o género humano se atribui a si próprio. Cremos e queremos merecer e receber, além da terra, uma sobrevivência, uma compensação, um saldo positivo e valioso, que prevaleça e continue, apesar do que em nós destrói, inevitavelmente, a terra mãe e assassina. E temos confiança no Céu, que não podemos fiscalizar, como, no domínio das coisas materiais, a tem num Banco a cuja direcção não pertence, e em cujo governo não intervém, todo aquele que julga mais seguro entregar-lhe as suas economias, do que guardá-las consigo, sob a permanente ameaça do roubo directo e brutal.

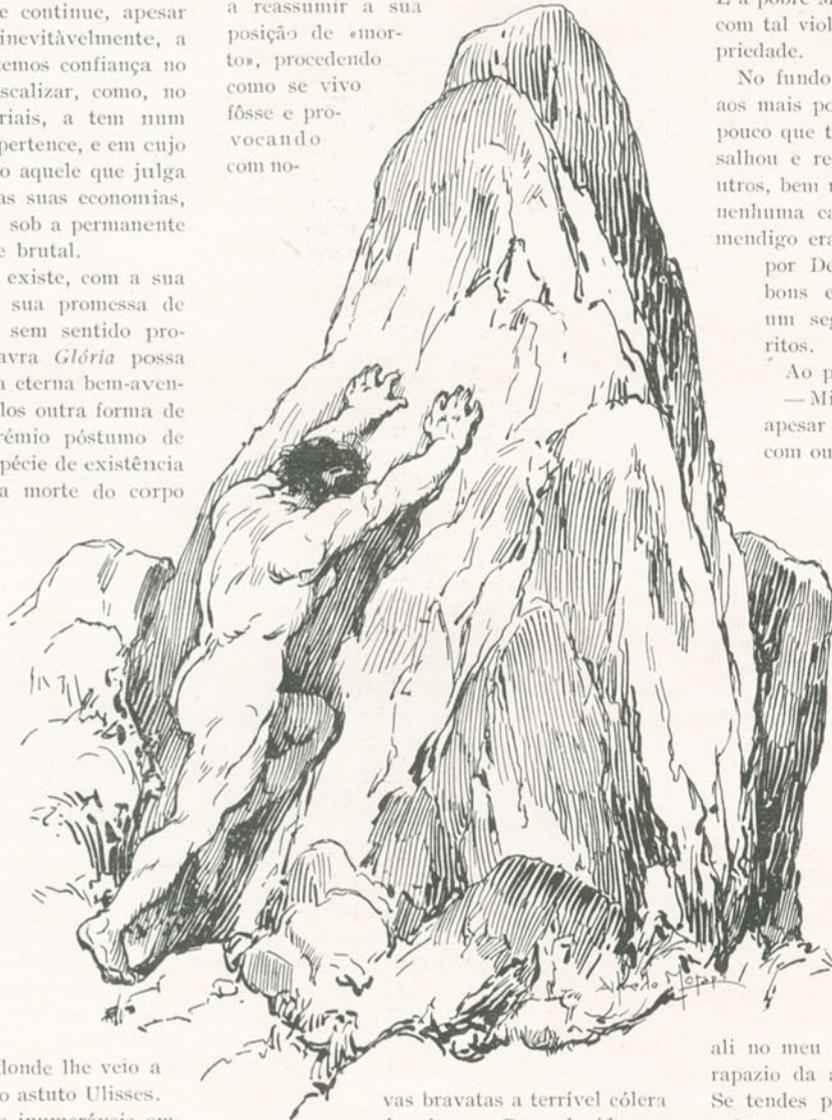
Para muitos, o Céu não existe, com a sua significação religiosa e a sua promessa de imortalidade; mas não é sem sentido profundo que a mesma palavra *Glória* possa significar para os crentes a eterna bem-aventurança, e para os incrédulos outra forma de vida, além da vida, o prémio póstumo de grandes trabalhos, certa espécie de existência imaterial e durável que a morte do corpo não consegue matar...

Os mitos, as lendas, a poesia e novelística popular de todos os tempos provam que o génio ou a fantasia dos homens, impotente para inventar contra a Morte um antídoto eficaz, se entreteve a criar historietas risonhas, em que se vingava mofando dela.

Uma destas é, entre os Gregos, a da esper-teza de Sísifo, rei de Corinto, que duas vezes enganou a Morte, astúcia donde lhe veio a fama de ser o progenitor do astuto Ulisses. Tendo contrariado uma das inumeráveis em-presas amorosas de Zeus, pai dos deuses, êste enviou contra Sísifo o terrível Thánatos, filho do Erebo e da Noite, irmão de Hipnos, o Sono, e mensageiro da morte. Mas Sísifo conseguiu prender Thánatos, que assim ficou inibido de exercer as suas funções habituais e necessárias. Libertado enfim por Marte, o deus da Morte pôde apoderar-se de Sísifo para o conduzir aos Infernos. Mas o ardiloso

A vida a morte e a moral

mortal conseguiu furtar-se ainda uma vez à sentença de Zeus, pedindo à sua mulher que lhe não prestasse honras fúnebres. Era esta uma falta imperdoável aos olhos de homens e deuses, um pecado mortal contra o culto dos mortos. Chegado aos Infernos, facilmente obteve Sísifo licença para voltar à Terra e castigar a esposa culpada. De regresso a Corinto esquivou-se a reassumir a sua posição de «morto», procedendo como se vivo fôsse e provocando com no-



vas bravatas a terrível cólera dos deuses. Reconduzido aos Infernos definitivamente, o homem que duas vezes enganara a Morte, foi aí condenado ao famoso suplicio de empurrar para todo o sempre o pedregulho enorme — o chamado «rochedo de Sísifo», símbolo do trabalho eterno e eternamente inútil. Sirva-lhe e sirva-nos de consolação, ao menos, a lembrança de que o nome de *Sisifismo* foi dado à doutrina de certos moralistas (tão justa e

atraente aliás) de que o Trabalho tem em si só o seu sentido ético próprio e completo, e vale mais pelo intrínseca substância moral, do que pelos frutos que produz. Há uma espécie de redenção do condenado nesta ideia nova de que o Trabalho é o melhor meio de «enganar a Vida», como Sísifo enganou a Morte.

*
* *

Ao ciclo das lendas medievais em que a Morte figura como enganada pertence o conto da velha tia Miséria e da sua pereira encantada.

Miséria era uma velha muito velha, e miserável para bem merecer o seu nome: além de larga conta de anos de vida, tinha apenas de seu um cãozito fiel e uma pereira, cujas peras os garotos da aldeia assaltavam e comiam, sem nunca as deixarem amadurecer. E a pobre Miséria sofria um desgosto enorme, com tal violação do seu único direito de propriedade.

No fundo, era boa pessoa e capaz de dar aos mais pobres do que ela algum pouco do pouco que tinha. Uma noite de inverno agasalhou e reconfortou um pobre homem que utros, bem mais ricos, tinham rechaçado sem nenhuma caridade. Ora aconteceu que êsse mendigo era, afinal, um santo, mandado ali por Deus Padre para experimentar os bons e maus cristãos, e dar a cada um segundo oss eus pecados ou méritos.

Ao partir disse o Santo:

— Miséria, tu fôste boa para mim e, apesar de tão pobre, exerceste a piedade com outro mais pobre que tu. Fala, dize o que desejas, pede o que quiseres, e o que pedires será teu.

— Não foi por interesse que eu fiz o que fiz, respondeu a velha Miséria. E, além disso, não preciso de nada.

Mas o Santo insistiu:

— Tu és, pobre, boa mulher. Faze um voto e terás quanto queiras. ¿Queres uma bela fazenda? E o celeiro cheio de trigo? Queres tesouros ou honrarias? Queres ser duquesa ou rainha?...

— Não quero nada disso. Mas, visto que tanto insistis em fazer-me algum bem, só uma coisa vos peço: tenho

ali no meu quintalinho uma pereira, mas o rapazio da aldeia rouba-me as peras tôdas. Se tendes poder para tanto, fazei com que todo aquele que suba à árvore não possa de lá descer nunca mais sem minha licença.

— Concedido! disse o Santo. E logo se pôs a caminho.

Daf por diante não mais precisou a tia Miséria de deixar o seu cão de guarda às peras. Saíam os dois, muito sossegados e, quando voltavam, lá viam os rapazitos trepados na árvore, com as algibeiras cheias de fruta,

mas sem poderem descer. Miséria libertava-os, colhia as peras maduras dos bolsos déles e deixava-os partir. Dentro em pouco, com medo, não vieram mais. E a pobre mulher sentia-se completamente feliz.

Ora um dia apareceu ali uma velha muito magra e feia, com uma foice na mão:

—Sou a Morte e venho buscar-te. Anda comigo, que é chegada a tua hora.

—Tão cedo?

—No meu relógio soon a hora. Não há remédio Vem daí e traze o cãozinho.

—Dai-me ao menos uns minutos, para eu me arranjar melhor, disse a Miséria.

E foi à arca, buscar o seu velho vestido novo, de florzinhas cõr de rosa em fundo azul. Enquanto se vestia, deitou um olhar de despedida ao quintal e à sua pereira e veio-lhe então uma ideia que a fez sorrir.

—Senhora Morte (disse ela), fazei-me o favor de subir à pereira enquanto eu me visto, e colhei-me as três pêras que restam, para eu comer no caminho.

E a Morte assim fez. Mas, quando quis descer, sentiu-se prêsã, não pôde sair da árvore, por mais que bracejasse e esperneasse.

—Deixa-te estar, que estás bem! disse Miséria, assomando ao limiar da cabana.

E fechou-lhe a porta na cara.

Mas o pior foi o que veio depois. Prêsã na árvore e impedida de prestar os seus serviços, a Morte começou a fazer falta.

Em todo o vasto mundo, ninguém mais podia morrer. Continuavam a viver todos os enfermos, com as doenças mais graves, sem que os médicos soubessem como, nem porquê. Ao fim de alguns anos, havia em cada casa cinco, seis e mais camas, onde velhas e velhos entrêvados, semi-mortos, moribundos crônicos, gemiam e choravam, com menos juízo que crianças. Foi preciso edificar asilos enormes, onde as gerações mais novas gastavam a vida a fazer de enfermeiras das precedentes.

Essas gerações novas nada possuíam de seu, pois deixara de haver testamentos e heranças: todos os bens pertenciam aos avós, e estes não podiam gozar déles.

Enfraqueceu e desmoralizou-se o govêrno dos povos por tôda a parte, porque os reis velhos também não morriam e, completamente idiotas, não sabiam administrar: em seu nome cometiam-se todos os abusos e crimes, salvo o de homicídio. O roubo, o incêndio, o saque eram coisa corrente e contínua, desde que os homens, seguros de não morrer, deixavam de ter medo às penas do Inferno.

Depois veio a fome. Não morriam os homens e não morriam também os animais, pelo mesmo motivo. A terra não produzia bastante para alimentar tantos habitantes e o suplicio era horrível, porque todos sofriam e ninguém podia morrer.

Quem salvou a situação foi um médico célebre, que descobriu onde estav a Morte, sua amiga e sócia de outro tempo.

Foi êste benemérito quem avisou a tia Miséria de que era ela a culpada única de

todos os males que afligiam o mundo. A boa velha, habituada desde longo tempo às enfermidades e privações, completamente surda e cega, não sabia que o género humano estava sofrendo por sua causa o sterríveis inconvenientes da immortalidade.

—Bem, disse a Miséria. Eu soltarei a Morte, mas com uma condição: que ela não venha buscar-nos, nem a mim nem ao meu cão, senão depois de eu a ter chamado três vezes.

Aceitou a Morte êste contrato e a velha permitiu-lhe que descesse da pereira.

E foi então uma festa no mundo, não falando nos primeiros tempos de excesso de trabalho, porque todos os velhos moribundos



queriam ser os primeiros a morrer, e a Morte não tinha mãos a medir. Foi-lhe preciso chamar um grande exército de médicos para a ajudarem. E êstes cumpriram tão bem a sua missão, que em poucos meses tudo reentrou na normalidade.

Miséria, essa continua viva, porque ainda não lhe apeteceu chamar a Morte, nem três, nem duas, nem uma só vez... E por isso se diz que, enquanto houver mundo, também haverá miséria.

Estas velhas fantasias vêm a propósito de algumas, e bem graves, realidades actuais.

É sabido que a população do nosos Planeta ãem aumentado consideravelmente no último século. E também se vê e se sente que, à medida que se povoa mais, o mundo que habitamos adocece de uma crescente inquietação.

Está calculado que somos hoje em tôda a terra nada menos de 1.970 milhões de inquilinos. Dentro de um ou dois anos, devemos atingir o número redondo de dois milhares de milhões.

E diz o ilustre economista português Bento Carqueja, numa recente e instrutiva comunicação à Academia das Ciências de Lisboa: «Tôda esta gente quer viver, quer trabalhar, quer mover-se...»

¿Terá espaço para tanto?

Até há pouco notavam-se no mundo civilizado o desejo, o esforço bem acentuado para, ao menos, limitar o officio da Morte. Ninguém se lembrou de prendê-la entre as ramagens de qualquer árvore de fruto; mas cada nação adiantada fazia orgulho nas suas estatísticas onde a pequena percentagem dos óbitos e a grande proporção do saldo activo de nascimentos eram títulos de glória e de aristocracia internacional. Da pereira da tia Miséria restavam ao menos estas três pêras, cheias de vitaminas auspiciosíssimas: a Higiene, a Assistência, a Solidariedade Social. E falava-se muito em Eugénica, em Puericultura, em auxílio à Maternidade, em protecção dos velhos e inválidos. O sintoma mais eloquente de que a Morte ia recuando é que se fez negócio com os progressos, cada vez maiores da resistência à sua ubíqua e democrática foice. Pulularam e prosperaram no mundo as Companhias de Seguro de Vida, sinal de que a vida estava cada vez mais segura.

Hoje em dia tem mudado algum tanto êste panorama agradável. Milhões de homens não encontram trabalho, sinal certo de que há homens de mais, e tantos há, que a peste e a guerra não bastaram para os reduzir à congrua porção. Milhões de homens vivem, de braços cruzados, recebendo subsídios dos que ainda trabalham. ¿Será possível que esta situação humanitária mas inhumana, se prolongue por muito tempo?

O instinto diz-nos que não e já se manifesta por factos, neste repontar de uma nova moral, que defende e proclama como direito o que as religiões e os códigos ainda consideram e punem como crime ou pecado: a limitação dos nascimentos, a destruição da vida no ovo.

¿Sempre e sempre, na carência de espaço ou alimento para todos, os seres fortes eliminaram os fracos. O ovo é fraco e, como não fala ainda, nem sequer pode gritar: Aí Jesus!...

A criança é fraca também, pobrezita! ¿Que poderá ela fazer, quando a moral nova, no seu novo caminho, chegar à «moralização» do infanticídio?

¿São fracos os velhos, coitados! ¿Quanto tempo beneficiarão ainda dêste suave costume a -que estão habituados, êste suave costume que respeita a sua fraqueza e lhes permite viver, apesar de fracos e inúteis?...

DE Portugal passo à Espanha pela ponte interna-

GALIZA — A FORMOSA

pórtico de S. Domingos, em que o século XIII esculpiu a

cional do rio Minho. Esta ponte internacional, com seus dois pisos sobrepostos, o de cima exclusivo de combóios, o de baixo servidão de peões e viaturas sem trilho, assume o aspecto de longo túnel de ferro assente em rijos pilares de granito. Não é esta, porém, a sua característica de primasia. O que lhe dá fisionomia e expressão particulares é o facto de ser o traço de união entre dois países amigos, entre duas províncias irmãs, entre dois povoados vizinhos — a vila de Valença, na província do Minho, em Portugal, e a cidade de Tuy, na província da Galiza, em Espanha.

Não há dúvida: — a primeira coisa que verdadeiramente me impressiona ao entrar na Galiza é a sua semelhança com o Minho, à parte ligeiras diferenças de índole episódica. Pelo menos em vasta zona de além fronteiras a paisagem da Galiza parece-se com a paisagem do Minho a ponto de se confundirem. Os povos de cá e os povos de lá entregam-se às mesmas culturas — o milho nas terras baixas, nas terras médias a latada, tóda assente em alvos esteios de granito, os contemplativos e graves pinheirais no tópo das colinas. Os rostos abertos, simples e hospitaleiros dos galegos são tão parecidos com os dos minhotos, que os seus olhos e os seus sorrisos falam a mesma língua, comunicativa e acolhedora.

Transposta, pois, a ponte internacional, verificadas as parecenças entre o Minho e a Galiza — que seriam completas, se não surgisse por tóda a parte a nota acentuadamente galega do lenço apertado em fôrma de côca na cabeça de costureiras e campesinas, e da boina tradicional no uso de urbanos e rústicos — entramos na vetusta cidade de Tuy.

Tuy preferiu para seu poiso, à margem baixa do rio Minho, o miradoiro da colina que lhe fica sobranceira. Em vez de descer para ouvir-lhe as vozes, das mais líricas de quantos rios passeiam a terra, quis antes debruçar-se do alto a contemplá-lo na magestade do seu curso — cortejo triunfal de águas vivas, segue por entre povoados, vilas e aldeias que se comprimem à sua beira para o vêr

De Tuy a Vigo

passar, sorrindo e louvando, vai através de quintas e parques colgados de opulentos damascos, os damascos verdes dos renovos e das ramagens, aqui pespontados pelo oiro claro dos junquinhos, além franjados pelo oiro mate dos cardos.

Mas Tuy, embora enlevada nos encantos do rio de sonho e lenda, não traíu os deveres da urbanidade às delícias da contemplação. E assim, logo de comêço, na sua recuada infância, cingiu à frente de dona e donatária o soberbo diadema de artística catedral — catedral românica, cujas tórres e ameias são bem a documentação eloqüente da fé belicosa da Idade-Média.

Além da catedral, para seu regalo de corpo e alma, construiu palácios e vivendas, edificou mosteiros e capelas, abriu praças e jardins — de que se ufana ainda hoje, apesar de muito diminuída nas dignidades e haveres de antanho.

Foi a capital da província do seu

sua vera effigie, metemos a caminho de Vigo.

Estrada alcatroada, de curvas largas e grandes rectas. O *Austin*, na voracidade dos seus seis cilindros, engole as rectas sem as mastigar — como se êle fôsse um prestigeador de circo e elas as extensas fitas de sêda negra engolidas umas atrás das outras.

Cortamos ao meio a vila laboriosa de Porriño. É nesta vila que estão instalados os vastos matadouros incumbidos de alimentar de carne tenra e fresca, por obra de rápidos vagon frigoríficos, o pantagruélico estômago de Madrid, S. Sebastian, Sevilha, Barcelona. É esta a vila que se ufana de ser o bêrço do mais notável arquitecto moderno da Galiza. — o arquitecto Palacios.

Depois, a estrada entra a enroscar-se ao monte que separa a veiga de Tuy da ria de Vigo. O carro sobe, torcendo-se e contorcendo-se no curveteio da ascensão. E daí a pouco, põe-nos no cume dêsse monte, donde lançamos a vista à grande aventura dum dos mais belos espectáculos que ainda lhe proporcionamos.

A ria de Vigo! Lá está ela, ao fundo, amplo estuário capaz de oferecer pousada, à vontade, a duas das maiores esquadras do mundo. A cidade, escorrega até às bordas da ria, estende-se à esquerda e à direita num perímetro de quilómetros. É na disposição pitoresca que o acaso ou as circunstâncias lhe impuseram, a cidade afigura-se-nos no punho condigno do imenso espêlho da ria, espêlho das encostas e povoados

sobranceiros, em que o próprio céu se mira, toldando-o de azul.

Avançamos na jornada, admirando e abençoando. Começamos a encontrar os *travias* dos bairros excêntricos da urbe galega. Entramos a sentir o pulsar das artérias da activa cidade marítima. E antes mesmo de medirmos a extensão, a beleza e o movimento das suas ruas principais, adiantamo-nos até à ria, percorremos os cais de embarque e desembarque, confundimo-nos entre a legião rumorosa dos embarcações, dos estivadores, pescadores e peixeiras.

Sousa Costa.



PONTE ROMANA SÔBRE O RIO MINHO

nome. Hoje não é senão uma subalterna, sob a tutela administrativa de Pontevedra.

Só duas coisas lhe não puderam tirar: — o panorama admirável sôbre as margens do Minho e o domínio directo sôbre a *veiga de oiro*, a extensíssima e fertilíssima veiga que se estende aos seus pés, celeiro aberto às necessidades de não sei quantos milhares de bôcas dos sítios e seu contórno.

Percorrida a cidade de Tuy; visitada a veneranda catedral, que no estilo de sucessivas épocas nos revela os cuidados de atentos restauros; anotada a beleza do

UM automóvel em marcha, numa estrada. É uma «conduite»,

bela «carrosserie» Fisher, refulgente de metais. Ao volante, FRED, rapaz de trinta anos, trigueiro, forte, «trench-coat» côr de areia, chapéu italiano derrubado sobre os olhos. Junto dêle, com a sua boina basca azul, o seu «leather» que lhe dissimula as formas, ZITA, vinte e cinco anos, loira, olhos pintados, tipo enérgico, beleza «up to date». — Tarde de sol.

FRED — As estradas, aqui, já estão boas. Queres vir para o volante?

ZITA — Não. Agora não guio.

FRED — É pena. Tinha muito prazer em ser conduzido por ti.

ZITA — Na vida?

FRED — Não.

No automóvel.

A VERTIGEM

ZITA — Não. Não é em ti que êle tem confiança. É em mim.

FRED — É a mesma coisa. E, ainda por cima, emprestou-nos o carro. Um gentleman.

ZITA — É meu pai.

FRED — Não conhecia esta marca. A condução é suave.

ZITA — Seis cilindros. E o chassis é todo de aço.

FRED — Deus queira que, quando nos casarmos, tu sejas tão suave de conduzir.

ZITA — Tu imaginas que eu sou um automóvel?

FRED — Não há nada mais parecido

FRED — Com a tua mãe e as tuas irmãs à nossa volta?

ZITA — Eu não tenho segredos para elas.

FRED — Mas eu não caso com elas, caso contigo. — Sabes que tenho uma boa notícia para te dar?

ZITA — A nosso respeito?

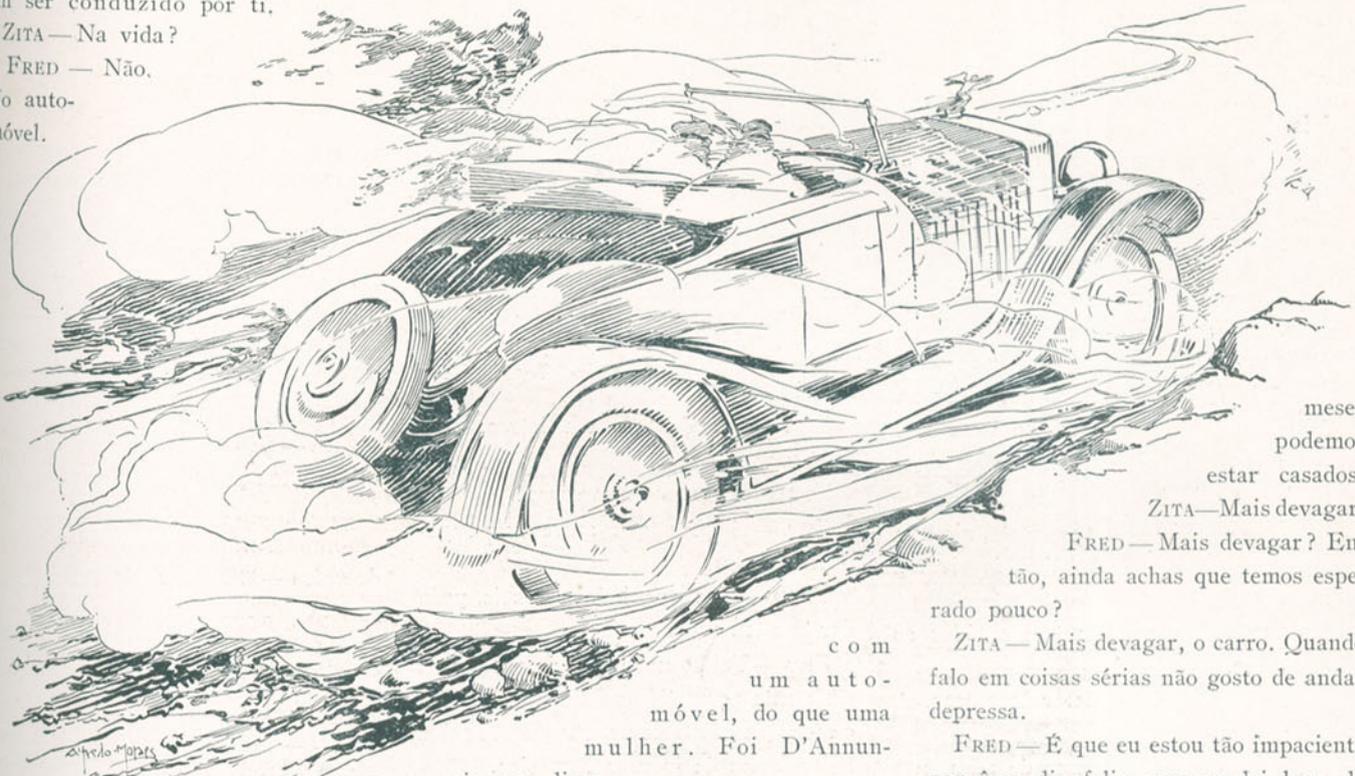
FRED — Sim. Já podemos marcar o dia do nosso casamento. Está tudo resolvido.

ZITA — Assinaste o contrato?

FRED — Assinei-o hoje. Estou engenheiro da casa Harrisson, e associado. Quinhentas libras por ano e percentagem nos lucros.

ZITA — Ficas, então, em Lisboa?

FRED — Fico. Dentro de dois ou três



ZITA — E não me achas capaz de te conduzir na vida?

FRED — É diferente. (Depois de um silêncio) Teu pai foi amável, sabes?

ZITA — Em quê?

FRED — Em te deixar vir passear comigo.

ZITA — É natural. Somos noivos.

FRED — Mas os nossos costumes são outros. Não vivemos na Inglaterra. Quere dizer que teu pai teve confiança em mim.

com um automóvel, do que uma mulher. Foi D'Annunzio que disse.

ZITA — D'Annunzio passou de moda.

FRED, voltando a cabeça, num sorriso, para a olhar — Tu deves ter seis cilindros. Quanto ao chassis, parece-me admirável.

ZITA — Se não tens juízo, passo eu para o volante. Não estou para morrer dum desastre.

FRED — Morrias ao pé de mim.

ZITA — Era divertido. Mas que ideia foi esta de irmos passear os dois?

FRED — Preciso de conversar contigo sobre o nosso casamento.

ZITA — Podíamos conversar em casa.

meses podemos estar casados.

ZITA — Mais devagar.

FRED — Mais devagar? Então, ainda achas que temos esperado pouco?

ZITA — Mais devagar, o carro. Quando falo em coisas sérias não gosto de andar depressa.

FRED — É que eu estou tão impaciente por êsse dia feliz, que mudei logo de velocidade. — Tu não ficaste contente, Zita?

ZITA — Fiquei.

FRED — Ninguém dirá.

ZITA — Estava à espera de que resolvesse o teu caso, para resolver também o meu.

FRED — O teu?

ZITA — Sim. Não podia tratar da minha vida, sem saber se ficávamos em Lisboa ou se íamos para Bruxelas.

FRED — Da tua vida? Da nossa, é o que tu queres dizer.

ZITA — Não. Da minha.

FRED — Não compreendo.

ZITA — Tu já estás empregado, não é verdade? Agora, falta eu.

FRED, *com assombro, parando o automóvel* — Tu?

ZITA — Para que paraste o carro?

FRED — Então, tu imaginas que eu posso ouvir uma coisa dessas a sangue frio? Empregares-te, para quê? Em quê?

ZITA — Creio que não queres ficar parado na estrada.

FRED, *pondo, de novo, o automóvel em marcha* — Mas que idea é essa, fazes favor de me dizer?

ZITA — Tu sabes perfeitamente que eu não aceito dote de meu pai. Se o aceitasse, prejudicava as minhas irmãs. E não é justo que as prejudique, porque eu tenho um curso e elas não têm.

FRED — Mas para que precisas tu de dote? O que eu ganho, chega para nós dois.

ZITA — Não. Eu não compreendo o casamento assim.

FRED — Não comprehendes, porquê?

ZITA — Porque quero ser independente.

FRED — Então, tu queres ser independente, e casaste-te?

ZITA — Para que uma mulher se case, não é indispensável, creio eu, viver na dependência do marido. Pelo contrário.

FRED — Mas tu nunca me disseste semelhante coisa!

ZITA — Quê? Pois tu pensaste, alguma vez, que eu, casando contigo, ia viver à tua custa?

FRED — É o que acontece a todas as mulheres.

ZITA — Poderá acontecer às outras. A mim, não.

FRED — Se tu gostasses de mim, não me dizias isso.

ZITA — Enganas-te. Penso assim, porque gosto de ti. Se eu fôsse viver a expensas tuas, não era tua mulher, era uma mulher que dependia do teu amparo e da tua generosidade. O amor é um sentimento muito nobre, meu amigo, para aceitar qualquer espécie de sujeição. Não sei o que as outras pensam; sei o que eu penso. Eu preciso de ser livre, para ser feliz.

FRED — Mas, o que entendes tu por ser livre?

ZITA — Temos de falar com inteira franqueza um ao outro, Fred.

FRED — Quem quer ser livre, não se casa.

ZITA — É preciso que a nossa felicidade seja construída sobre a verdade, e não sobre a mentira. Se eu não depender dos teus recursos, se bastar a mim própria, se não precisar do teu dinheiro para pagar os meus vestidos, os meus caprichos e os meus perfumes, tu podes ter a certeza de que, enquanto eu me conservar ao teu lado, vivendo a tua vida, é porque gosto de ti. E se um dia deixares de me interessar — tudo é possível, não é verdade? — escuso de mentir-te, nem de enganar-te, nem de fazer o que tantas mulheres fazem. Digo-to francamente, porque não te devo nada, — e acabou-se. *Chacun sa vie.*

FRED — O melhor é voltarmos para trás.

ZITA — Para quê? O que te estou dizendo não é menos verdade se nós seguirmos em sentido contrário.

FRED — Tu imaginas que as coisas se passam na vida com essa simplicidade?

ZITA — A vida é simples. Nós é que a complicamos inutilmente.

FRED — Mas que emprêgo é que tu queres? O que é que tu pretendes fazer?

ZITA — Sou doutora em letras. Uso dos meus títulos.

FRED — Para que serve isso?

ZITA — É para que serve ser engenheiro?

FRED — Mas que independência pode dar-te o teu curso?

ZITA — Tenho um lugar de professora assistente prometido na Faculdade. Não o aceitei imediatamente, porque não sabia se teríamos de ir para Bruxelas.

FRED — E isso, que te dá?

ZITA — A independência material, se um dia precisar dela. Mas, sobretudo, a independência moral.

FRED — E os teus deveres domésticos? E a tua casa?

ZITA — Há tempo para tudo.

FRED — E, mais tarde, os teus filhos?

ZITA — É um acidente de trabalho. Não tem importância.

FRED — Mas tu queres que eu me case com uma professora da Universidade? Tu não achas isso ridículo?

ZITA — Tão ridículo como eu casar com um engenheiro da casa Harrisson.

FRED — Nunca me disseste que eras feminista!

ZITA — Tu não sabes o valor das palavras. É ser feminista, porventura, desejar que tu tenhas ao teu lado, por toda a vida, não uma serva que tu pagues, mas uma mulher livre que goste de ti?

FRED — Mas tu queres convencer-me de que as mulheres não devem casar-se sem ter uma profissão?

ZITA — Exactamente. Tal qual como os homens.

FRED — É as que se casam sem ter assegurado um rendimento?

ZITA — Essas, coitadas, trabalham e obedecem.

FRED — Então, tu imaginas que te casas para me desobedecer?

ZITA — É tu imaginas que te casas para me governar?

FRED — Mas o que fica do casamento, se desaparecem toda a obediência e toda a disciplina?

ZITA — Fica o amor. (*Acendendo um cigarro*) Achas pouco?

FRED — Tu és mais do que feminista. Tu és bolchevista.

ZITA, *olhando-o* — E tu és um bonito rapaz, sabes?

FRED — Muito obrigado. Mas não é assim que tu me convences.

ZITA — Se eu passar o meu braço em volta do teu pescoço, convenço-te de tudo quanto quiser.

FRED, *sentindo-se envolvido pelo braço da noiva* — É melhor voltarmos para trás.

ZITA — Tens medo de que eu abuse de ti?

FRED — Tenho medo de abusar da confiança de teu pai.

ZITA — Meu pai emprestou-nos o automóvel para andar. Quero andar muito. A toda a velocidade...

FRED — Então, está bem. Dá-me o teu cigarro.

ZITA, *tirando o cigarro da boca e pondo-o nos lábios de* FRED — Mais depressa...

FRED — Descansa a tua cabeça no meu ombro...

ZITA — Ainda mais depressa...

FRED — Dá-me um beijo...

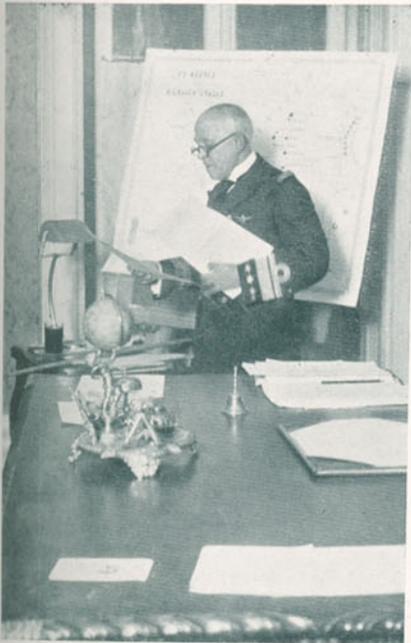
ZITA — Mais depressa ainda...

(*O automóvel perde-se, vertiginosamente, numa névem de poeira...*)

ACTUALIDADES



UMA CONFERENCIA



O SR. AMBRANTE GAGO COUTINHO PRONUNCIANDO À SUA CONFERENCIA, NA INAUGURAÇÃO DA NOVA SEDE DO CLUB MILITAR NAVAL, SOBRE A «SIGNIFICAÇÃO DO CENTENÁRIO DA DESCOBERTA PORTUGUESA DOS AÇORES»



A BENEMÉRITA INSTITUIÇÃO «A VOZ DO OPERÁRIO» COMEMOROU NO DOMINGO, 21, O 40.º ANIVERSÁRIO DA SUA FUNDAÇÃO, COM UMA SESSÃO SOLENE E VÁRIAS FESTAS. AS NOSSAS GRATUITAS REPRESENTAM: O DESFERRAMENTO DA LÁPIDE DE HOMENAGEM AO AUTOR DO PROJECTO DA SEDE; O MAIS VELHO PROFESSOR DAQUELA SOCIEDADE, SR. JOSÉ MARIA BARBOSA, COM A DIRECÇÃO, E DUAS CRIANÇAS POR ELA PROTÉGIDAS E UM ASPECTO DA ASSISTÊNCIA À SESSÃO SOLENE



Um livro de versos

TOMAZ D'ÊÇA LEAL, NOME CONHECIDO NA POESIA PORTUGUESA, ACABA DE PUBLICAR MAIS UM LIVRO DE VERSOS: «MERIDIONAIS». É UMA OBRA QUE A CRÍTICA VEM APRECIANDO COM PALAVRAS DE ELOGIO E GERAL ENCÓMIO. O INTERESSANTE VOLUME É ILUSTRADO COM DESENHOS DE SEU FILHO OLAVO, UM NOVO QUE BEM DEPRESSA MARCOU UM LUGAR NO MEIO ARTÍSTICO.



NA SEXTA-FEIRA DA SEMANA PASSADA EFECTUOU-SE A TRADICIONAL PROCISSÃO DO SENHOR DOS PASSOS, DA GRAÇA, QUE FOI REVESTIDA DE GRANDE IMONPÊNCIA E PRESENCIADA POR MILHARES DE PESSOAS

FIGURAS E FACTOS



ASPECTO DA SALA «PORTUGAL» DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DURANTE A SESSÃO DE ENCERRAMENTO DA «SEMANA DAS COLÓNIAS». NO MOMENTO DE PRONUNCIAR A «ORAÇÃO» DE SAPIENTIA O SR. ENGENHEIRO LIMA BASTOS. DEPOIS DE TEREM FALADO OS SRs. CONDE DE PENHA GARCIA E DR. ARMINDO MONTEIRO, MINISTRO DAS COLÓNIAS, QUE PRESIDIU À SESSÃO, FORAM PROJECTADOS ALGUNS FILMES COLONIAIS



FALECEU A SEMANA PASSADA O SR. DR. FELICIANO SANTOS, CONHECIDO HOMEM DE THEATRO E JORNALISTA, QUE FOI DIRECTOR TÉCNICO DA «ILUSTRAÇÃO» E QUE ACTUALMENTE EXERCIA O CARGO DE CHEFE DA REDACÇÃO DO «NOTÍCIAS ILUSTRADO». EXCESSIVAMENTE MODESTO, ALIAVA ÀS SUAS EXCEPCIONAIS QUALIDADES DE TRABALHO, UMA CULTURA INVULGAR. DESAPARECE QUANDO AINDA MUITO HAVIA A ESPERAR DO SEU TALENTO DE HUMORISTA



A NOVA COMISSÃO ADMINISTRATIVA DA CÂMARA MUNICIPAL, QUE É PRESIDIDA PELO SR. CORONEL COSTA MACEDO, ANTIGO MINISTRO DO INTERIOR, DEPOIS DE TOMAR POSSE DO CARGO PARA QUE FOI NOMEADA

NA COSTA DO SOL

A SOCIEDADE DE PROPAGANDA DA COSTA DO SOL ACABA DE INAUGURAR UM SERVIÇO DE «AUTO-CARS», QUE SÃO POSTOS À DISPOSIÇÃO DAS PESSOAS QUE VÃO PASSAR À NOITE AO CASINO. PARA FESTEJAR O REFERIDO MELHORAMENTO FOI OFERECIDO AOS REPRESENTANTES DA IMPRENSA UM «PÓRTO DE HONRA» E USOU DA PALAVRA O SR. GUILHERME CARDIM, EM NOME DA SOCIEDADE DA COSTA DO SOL, QUE ENALTECEU O SIGNIFICADO DAQUELA INICIATIVA



As minhas aventuras pela Europa

por CHARLIE CHAPLIN (CHARLOT)

A onda mudou. Fui projectado até à entrada do cine. Já não me sentia tão orgulhoso em ser artista de cinema como primeiramente.

Continuava sorrindo, mas o sorriso de agora era um «sorriso profissional». Apercebi-me d'êlo e quis voltar ao anterior. Ao intentá-lo, um polícia pôs-me a mão em cima.

Não me agrada ao paladar os sócos da policia. Disse-lho. Olhou-me com ferocidade e empurrou-me a favor da corrente. O meu chapéu devia ter feito um vôo até às nuvens. Nunca mais o tornei a ver. Sentí um puxão e ruído de máquinas. Olhei para baixo. Uma mulher, empunhando uma tesoura, cortava-me a fralda da camisa. Outra, puxando-me a ponta do lenço que trazia ao pescoço, por estrangulação, quási punha fim aos meus martírios. Depois, chegou a vez ao colarinho; dêste, só conseguiram levar metade.



DOUGLAS telefonou-me. Quere continuar a ser amável comigo. Estou em férias e êle quere — como já disse — que elas me sejam, o mais possível, agradáveis.

Convida-me, de novo, para ver *Os três mosqueteiros*. Agora trata-se da sua apresentação ao público.

Antes de assistirmos à exhibição, fômos jantar; Mary e Doug, a senhora Condé Nast e eu.

Fiquei perturbado encontrando a senhora Con-



dé Nast. Parecia quere recordar-me certa ocasião que faltei a um convite seu para jantar. Estava ainda mais preocupado porque não tinha tido, sequer, a atenção de lhe escrever, apresentando uma desculpa.

Cometi um disparate. Certamente que acolheu a minha presença com um sorriso de perdão e esquecimento.

A minha melhor defesa estava em fazer-me desatendido e nem ao de leve falar no assunto.

Teve, também, o bom senso de não me fazer lembrar; passámos, por isso, um bocado muito agradável.

Seguidamente fomos para o teatro, na magnífica *limousine* da senhora Nast.

O povolêu estendia-se, de um e outro lado do cinema, em múltiplas e longas *bichas*.

Sentia-me orgulhoso em trabalhar no cinema. Esta noite, todavia, ao lado de Mary e Douglas, tinha a impressão de que ofuscava a sua glória. Esta noite era deles, pertencia-lhes.

Houve aplausos. Para Mary, para Doug e para mim. Voltei a ter orgulho em ser cineasta. Procurei manter o maior *aplomb*. Chamei a mim o meu «sorriso profissional» e tratei de lhe infiltrar qualquer coisa de satisfação. Finalmente, consigo um sorriso apresentável. Tenho a impressão de que é agradável e natural.

Saltamos do automóvel e a multidão aperta-se à nossa volta. Doug toma Mary sob a sua protecção e faz calar o povo como se estivesse fazendo alguma das suas criações e aquela gente fôsse comparsaria.

Quis seguir-lhe o exemplo. Seguro, por um braço, a senhora Nast (pelo menos isso pretendi) porém, tive a impressão de que ela se afastara de mim até à Oitava Avenida, enquanto eu, sem motivo aparente, me dirigia para Broadway.



Por fim, a minha persistência venceu. Num dado momento senti-me içado, de tal modo, com o corpo invertido, que a minha cabeça indicava o *hall* do teatro e os pés tinham a direcção do alto anúncio do restaurante Ziegfeld. Repentinamente veio uma onda de gente que, sem eu perceber como, me transportou do *hall* até à sala. Quando passei pela porta



da entrada, sem abandonar o meu sorriso e ignorando para onde me levavam, vi um amigo; cumprimentei-o com um

«¡ Até logo! » e caí redondamente, feito num rôlo, aos pés de uma grande matrona. Olhei para cima, sorrindo; mas sem êxito algum. Certamente, não designava aprovação o olhar que a matrona me lançou.

Levantando-me envergonhado, mas com a dignidade que ainda me restava, dirigi-me para o camarote que nos fôra reservado. Já lá estavam Mary, tão formosa como sempre; a senhora Nast, tranqüilla e calma, e Doug sereno e firme. Olharam para mim como se olha para os retardatários.

Mary, pouco amável, começou a enumerar as minhas deficiências de vestuário. Como eu sabia, entretanto, de uma que êles não podiam conhecer, fui, apressadamente, ao gabinete destinado à *toilette* dos homens, preparar-me. Água e escôva operaram prodígios; mas camisa, colarinho e lenço não conseguí encontrar e tive de voltar para o camarote, limpo, mas esfarrapado, onde fui recebido com geral desaprovção.

Tratei de arranjar o meu mais genial sorriso; em Mary e Doug, porém, não surtiu efeito.

A-pesar disso, não consenti que me estragassem a noite e vi *Os três mosqueteiros*.

Fô um triunfo magnífico para Doug; folguei bastante com isso, muito embora de quando em quando sentisse um pouco de inveja.

Pensei, então, se a estreia de *O garoto* seria, também para mim, uma noite tão encantadora como aquela.

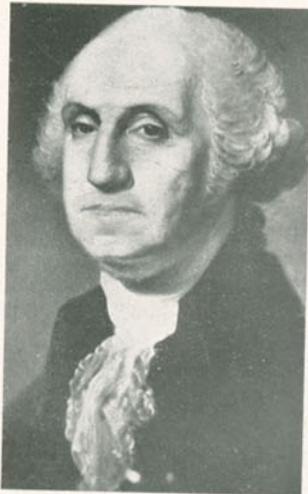
Fô uma noite magnífica a da estreia da obra prima de Fairbanks. Se considerarmos em tudo quanto succedeu, creio que me portei admiravelmente. Se não estou em êrro, parece-me que nisto há três votos contra mim.

CHARLIE CHAPLIN.
(CHARLOT)

(Do livro *As minhas aventuras pela Europa*, que se encontra à venda).

George Washington

COMEMOROU-SE, a quinzena passada, no dia 22 de Fevereiro findo, o bi-centenário do nascimento daquele que foi o primeiro Presidente da República dos E. U. A. A data foi festivamente comemorada em todo o território americano, tanto mais que George Washington cooperou na implantação do regime



republicano no seu país, tendo-se salientado também por ocasião da guerra da independência. A constituição federal que ainda hoje vigora nos E. U. é da sua autoria. A sua personalidade sempre venerada, durante anos e anos seguidos, ainda hoje é evocada em todo o território da América do Norte como um exemplo sempre vivo e grandioso do homem que soube aliar a prática dos seus deveres cívicos a um alto espírito de actividade, de boa razão e de pureza de intenções equilibrando todos estes sentimentos e deveres de maneira rara e, até agora, ainda inigualada.

As gravatas do burgomestre

JIMMY Walker, além de ser o burgomestre de Nova York, tem ainda o especial predicado de poder intitular-se o funcionário governamental mais popular, mais elegante e mais querido de todos os Estados Unidos. Sem grandes alardes nem propaganda excessiva o bom Jimmy, como lhe chamam os seus conterrâneos, rivaliza condignamente com o Príncipe de Gales. Saibam os curiosos que o popular burgomestre de Nova York acumula, para isso, duzentas e vinte e



cinco gravatas — algumas das quais estão na gravura junta — 36 pares de sapatos e 44 pares de polainitas. Os fatos são em nú-

mero de trezentos e cinqüenta, quasi que um para cada dia do ano...

Buy British

Inglaterra, como quasi tôdas as outras nações, promove uma grande campanha a favor da sua indústria. *Buy British!* Compre artigos ingleses, eis o grito que se desprende dos jornais, dos anúncios e dos cartazes. Parodiando esta propaganda, «The Humorist» publica uma anedota que não nos furtamos ao prazer de apresentar aos nossos leitores. Ei-la:

No tribunal, o advogado de defesa da ré acusada de cleptomania, termina assim o seu discurso:

—...E, senhor presidente, a minha constituinte não só roubou por ser uma cleptomana irresponsável... há, sobre tudo, que atender que o seu patriotismo a levou sempre e somente a roubar produtos puramente ingleses... Peço a sua absolvição!

Um grande romancista

EM Edgar Wallace, falecido como se sabe muito recentemente em Hollywood, perdeu todo o mundo apaixonado dos romances de aventuras e de sensação e das peças policiaes de grande espectáculo para já não citarmos as grandes reportagens jornalísticas, um dos valores



mais preponderantes e um dos espíritos mais cultos, inventivos e originaes do nosso tempo. De rara e brilhante actividade e na idade de somente cinqüenta e sete anos, Edgar Wallace lega ao público de todos os continentes uma interessantíssima obra que ascende a 150 romances e 14 comédias, traduzidas, na sua maioria, em quasi todos os idiomas mundiais. A sua carreira literária começou-a como redactor do *Daily Mail* de Londres levando então já uma completíssima bagagem de observações de toda a natureza, pois passara os primeiros anos da sua vida, depois de deixar o colégio, trabalhando como vendedor de jornais, tipógrafo, distribuidor de leite e ajudante de pedreiro. Na data do seu falecimento estreava-se em Londres a sua última comédia: *The Green Park*.

Um ministerio francez

AINDA mal passada a crise ministerial franceza de que resultou a formação do gabinete presidido por Laval, verificou-se em França



nova crise política e, consequentemente, uma nova constituição ministerial confiada, desta vez, a André Tardieu, cujo retrato acompanha estas linhas. O novo presidente do gabinete francês, delegado francês à Conferência de Genebra, tem a idade de cinqüenta e cinco anos e foi um dos principais colaboradores de Clemenceau na redacção do Tratado de Versalhes tendo-se desempenhado, desde o fim da guerra, de um papel muito preponderante nas altas esferas da política gaulleza. Já por duas vezes Tardieu formou ministerio: em 1929 e em 1930. Da primeira vez, o seu ministerio durou, somente, dois meses e meio; da segunda, prolongou-se até dez meses de existência. Veremos o que lhe reserva o futuro para o seu terceiro gabinete ministerial.

O Pápa e Mussolini

REVESTIU-SE de capital importância a visita feita pelo Duce a S. S. o Papa Pio XI que representa por assim dizer um reatamento de relações entre o Vaticano e o governo da Itália, cessando as desinteligências verificadas a quando o Tratado de Latráo estabelecido há três anos e que se baseavam, principalmente, em discordâncias quanto a princípios de educação e quanto à actividade política do Vaticano. Resolveu-se Pio XI a ter-

PELO MUNDO FÓRA

miniar com um tal estado de coisas, condecorando o rei de Itália e Mussolini e recebendo festivamente o Duce no Vaticano com tôdas as honras inerentes às majestades e pessoas reais. Pela primeira vez, na história da Itália, foi um chefe do governo recebido numa audiência oficial pelo Papa. A nossa gravura representa a chegada de Mussolini ao Vaticano.

O casamento dum principe Suéco

NOTICIAVA a *Ilustração*, no seu último número, o casamento morganático do príncipe da Roménia. Hoje focaremos um outro pequeno escândalo da corte da Suécia. Trata-se do casamento do príncipe Lennart, neto do actual rei da Suécia, com Karin Nisvandt, simples burguesa, a que o soberano sueco se opôs decididamente. Como o casamento



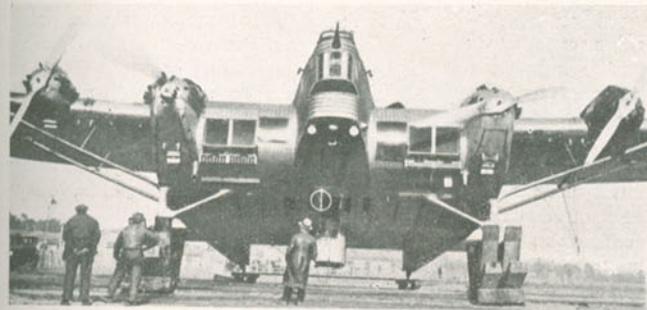
mesmo que se efectuasse na Suécia acabaria por ser considerado ilegal em virtude da proibição do soberano, vêm-se os noivos obrigados a realizá-lo em Londres. O noivo é o segundo filho do príncipe Guilherme, por sua vez segundo filho também do rei Gustavo da Suécia; que foi casado com a grand-duquesa Maria Paulovna da Rússia cujo enlace foi anulado por ocasião da guerra em 1914.



PELO MUNDO FÓRA

Novo Avião de Combate

EM França acabaram de ser realizadas com absoluto êxito as experiências com um novo avião de combate representado na gravura junta. A aeronave é de tal maneira construída que pode transportar mais de dez mil quilos em bombas, e o seu armamento inclui ainda três metralhadoras pesadas. O máximo da velocidade de voo, com a carga completa, é de 130 milhas por hora. As experiências decorre-



ram brilhantes... enquanto em Genebra se discutia o desarmamento.

Uma Pesca Maravilhosa

UM barco de pescadores que lançara as suas rédes na mar de Anzio, trouxe de arrasto, desde o fundo, um verdadeiro achado artístico: a estátua de Hermes, reproduzida na nossa gravura, e que os entendidos classificam



como sendo uma cópia de um original grego que deve datar dos meados do quinto século antes de Cristo. Ao ser retirada da água, a estátua vinha coberta de algas e com uma espessa camada de moluscos. Procedeu-se à sua limpeza e constatou-se, com satisfação que o mármore estava

impecável. O achado será integrado na célebre coleção Ludovisi, existente em Roma.

A propósito

É oportuno, a propósito da última peça de Ramada Curto, estreada em Lisboa, o seguinte pensamento de Roda-Roda, publicado na *Gazeta de Voss*, de Berlim: «Se o mundo é tão massador, isso deve-se ao facto da maioria dos seus homens falarem verdade. Convém anotar, contudo, que, se eles assim procedem, é porque lhes falta fantasia e talentos.»

O teatro no Estrangeiro

O grande sucesso teatral, de momento, em Paris, sucesso que se traduz não só no aplauso e na concorrência do público,

mas, muito particularmente, na consagração da crítica, é constituído pela comédia de Marcel Achard, *Dominó* representada na *Comédie des Champe Elysées*.

— Em Berlim foi reposta a sensacional comédia de Molnar: *Spiel im Scholss*, que, quando da sua estreia, há dois anos, deu sessentas representações consecutivas. O sucesso com a reposição equivale ao alcançado quando da estreia.

Um dialogo

DO «News Chronicle» traduzimos o seguinte diálogo:

1914—O filho:— Porque vais para a guerra?

O pai:— Pelo rei, pela pátria, pela Entente...

1917—O filho:— Afinal para que fizeste a guerra?

O pai:— Para libertar o mundo. Nunca mais haverá uma guerra assim!

1919—O filho:— Porque se faz guerra?

O pai:— Para enforcar o Kaiser, e quem paga são os alemães.

1932—O filho:— Porque houve, há tantos anos, uma guerra?

O pai:— Porquê? Para quê?... Por... sim... para... Olha: se queres que te diga, nem sei!

Sinais dos tempos

CHEGA-NOS a notícia de que a célebre cantora Tetrizzini que foi na Ópera Metropolitana de Nova York colega de Caruso, se vê obrigada, em virtude da crise teatral, a cantar nos cinemas de Boston a fim de ganhar a vida. É interessante saber-se que a célebre artista conta hoje sessenta anos de idade e que já chegara a ser possuidora de uma regular fortuna que perdeu em virtude de erradas especulações. O próprio Caruso propusera-lhe casamento, o que ela declinou.



Miss Europa 1932

AQUI arquivamos o simpático sorriso de Miss Aase Clausen, mais propriamente: *Miss Dinamarca*, e ainda mais devidamente: *Miss Europa 1932*. Veremos se esta loira miss que Maurice Walleff vai levar pelo mundo fóra numa apoteose de beleza feminina conseguirá do júri de Galvestone o almejado título de *Miss Universo*.

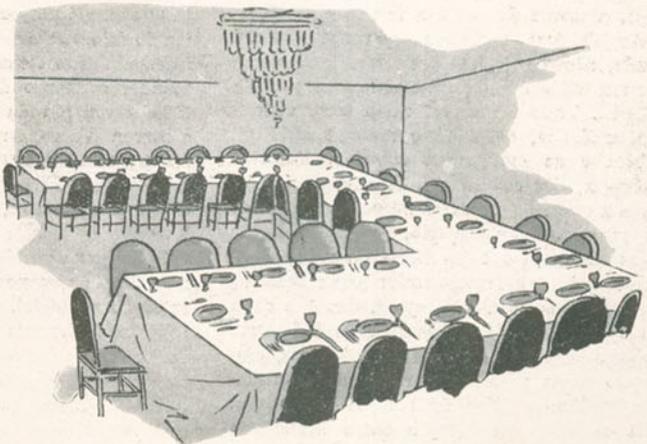
O Centenario de Göthe

É no decorrer do mês que hoje começa que a Alemanha vai comemorar solenemente o primeiro centenário da morte de um dos seus maiores valores: Wolfgang Göthe que foi o mais cé-



lebre poeta alemão, autor de obras que galgaram fronteiras e que, como o *Fausto*, o *Werther* e a *Iphigenia* são do conhecimento de todo o mundo intelectual. Em Göthe, contudo, não há a assinalar, somente, o valor poético e a pureza harmoniosa de versificação da linguagem, pois que eram notáveis os seus conhe-

A CARICATURA NO ESTRANGEIRO



ASPECTO DO BANQUETE ANUAL DA ASSOCIAÇÃO DOS SÉRIOS DISTRAÍDOS... (Do London Opinion)

cimentos científicos que o levaram a predizer diferentes e importantes descobertas da actualidade. A Alemanha viu sempre nêle um expoente máximo da raça germânica e à realização do centenário não andarão desligados, decerto, determinados sentimentos nacionalistas muito em voga no actual momento político alemão.

Manequins "Aquaticos"

ES uma nova profissão que, pode dizer-se, vem a propósito numa época de crise como a actual: a dos manequins aquáticos. Resume-se ela à candidata saber nadar. De resto, tal e qual como nos salões dos grandes



costureiros, o manequim muda algumas dezenas de vezes ao dia de fato... de banho. Esta é a última originalidade da empresa de uns grandes armazens da América do Norte. No hall de entrada uma grande piscina, e dentro da água, a nadar, saindo do banho, ou saltando da prancha, os manequins exibindo as últimas criações em fatos de banho para a estação das praias em 1932. Com o frio que tem feito, não invejamos nada as pobres pequenas...

A boa graça no Estrangeiro

DO *Punch*, traduzimos:

— Ouve lá, estou tentado em ir passar uma semana a Paris... Quanto calculas que me custa a patusecada?

— Af uns seis contos...

— E se levar a minha mulher?

— Fica-te por metade!

DESDE que se parte de Lisboa, com rumo a África, a velha Europa passa a ser uma coisa esquecida. Diante dos nossos olhos fulge uma esperança, bate suavemente as asas a ave doirada do paraíso. África! Foste nome sonoro é o som pleno dum fanfarra de maravilha!

E voga-se dias e dias, entre tanta água, tanto céu, tanta solidão, tanta imensidade, tanto perigo, tanta beleza, tanto tudo! Só na grandeza, sobre nós, em volta de nós, debaixo de nós! Deslumbra a imensidade no céu, no infinito do Zenit, no infinito do horizonte; imensidade de causar vertigens quando os nossos olhos a profundam, tentando ir mais além, buscando alucinadamente rasgar, trespassar tanto azul; imensidade nos abismos de tanta água, águas profundas, reinos de sombras eternas, povoados de feras negras, de milhões de vidas ignoradas!

Aquele grande céu, que cada noite se recobre de mais estrêlas, mais luminosas, mais cintilantes; aquele ar, a cada aurora mais cálido, mais suave, mais acariciador e desejado; aquele mar, que a cada passo abranda, se submete, esbate a onda em sonolências leitosas de lago; todo este afago da Mater Natura, é como que o eflúvio amoroso da África desejada, chamando-nos, atraíndonos a núpcias... quasi sempre funestas.

Quem pensa na Europa, na sua vida apertada, asfíxiante, nas suas populações famintas, miseráveis, quando se segue a rota maravilhosa do Prestes João? E quando toda a Natureza nos acolhe num abraço, num sorriso, numa feerie de harmonia, cor e paz, quem se não iludirá, quem não pensará que deixa para traz de si, para sempre afastados e perdidos, penas, desgostos, horrores? E todo o coração fica cheio da dulcíssima ilusão de colher para si, dentre tanta ventura, uma migalhinha que lhe fique em pertença, um átomo da poalha de ouro de tanto sol. Oh! África, sercia que nos envias tão longe o teu canto fatal! E que junto de ti tão duramente nos lembras que só males são reais, só dor existe, prazeres só os gera a fantasia...

A quem conhece, como eu conheço, todas as colónias portuguesas em África, Angola mostra, logo de entrada, que é a mais portuguesa de todas elas. Angola é nossa. Está marcada do cumho português, fundamente, indelévelmente; traz no flanco, gravada a ferro, fogo e sangue, como um animal de raça, a marca do dono, a ferra.

Angola é uma grande esperança; mas é ainda, somente, uma esperança. Pode vir a ser um outro Brasil; pode vi-lo a ser; ainda não é... Tudo é possível nesta terra ubérrima, ecléctica, onde há o ardor tórrido da África e as montanhas nevadas, florestas extensas, rios caudalosos, desertos de areia; onde a costa longa e rica de peixe se oferece às grandes empresas piscatórias; onde as altas montanhas e planaltos do interior se prestam à mais intensa colonização branca; onde tudo se eria e prospera, desde a cana do açúcar ao trigo; povoada de indígenas submissos, mão de obra fácil e barata; dispondo dum grande população de assimilados, milhares deles de sangue clarificado, útil elemento de ligação entre brancos e pretos.

Angola! Tanta terra, para nós, lusos, que

PRETOS, BRANCOS E MULATOS

somos tão poucos! Sim, eu sei, há as teorias novas, a justiça fala uma outra língua, e sobre a ideia da Pátria ergue-se a ideia da Humanidade; mas quando se piza este chão que os nossos impávidos avós demandaram nas caravelas, e foi palmo a palmo conquistado, mantido por nós, aberto à civilização por nós; quando se veem as ruas estreitas das suas cidades e dos seus burgos de aldeia portuguesa, marcados das nossas nomenclaturas, onde o gosto tradicional da nossa gente tudo fez, onde os nossos costumes imperam e actuam até no gentio, onde raro uma nota de cosmopolitismo colonial destoa da feia mas típica marca portuguesa—oh! então, Angola, nós sentimos que é nossa, cada palmo teu é nossa pertença, e esbulhar-nos dum teu torrão é como roubar-nos na nossa própria casa!

Tudo quanto de bom está feito em Angola é obra da nossa raça; Angola é nossa porque nela o português actuou com suas virtudes atávicas, independentes da desorientação dos seus defeitos de administrador. A estrutura de Angola é portuguesa, não como seqüência dum política colonial ou efeito de medidas governamentais, tal como Marrocos, em quinze anos, sob a mão de Lyautey, se fez francês. Não! São as grandes qualidades colonizadoras do nosso povo, escoreiro dos outros povos, que fez o Brasil e vai fazer Angola, que traçaram as grandes linhas deste futuro império branco, desta «Angola, terra de brancos».

Os povos tem fatalismos, linhas de conduta superiormente marcadas, desígnios que cumprem na ignorância da missão que realizam. O nosso é terrível. É ir pelo mundo, abismados, levando na mão o archote que os outros guiam e levam ao triunfo!

De todos os povos, antigos e modernos, sobre cuja colonização há dados históricos, o romano e o português são os únicos que deixam marcada a própria personalidade nas gentes que colonizam. De todas as nossas colónias só uma não traz a marca do nosso génio colonizador: Moçambique. Moçambique, continua a costa da África em que os mouros da Índia se estabeleceram, muito antes de nós; situada nas cercanias de Zanzibar, centro do Islamismo de África, esta colónia está infestada dum elemento desnacionalizador, o monhé, o mouro da Índia, sanguisuga de toda a energia da nossa colónia. Com ele esbarrou Vasco da Gama, ao demandar a Índia; com ele continuamos nós a esbarrar. Até que um dia se espere o retórno da monção que o trouxe, para que a monção o leve...

O indígena de Moçambique vive à parte da nossa vida porque entre ele e o branco se interpôs o monhé. Quando se civiliza, é na religião mahometana que ingressa. Usa o fez vermelho dos monhés, os seus trajes exóticos; entra com ele na comunidade da mesquita, da escola própria em que aprende a escrever a língua «suail» desprezando a nossa; segue com ele as cerimónias dos casamentos, dos enterros, de todas as soleni-

dades da vida; segue com ele as práticas dos banquetes, ingressa nas suas festas, no Bamadan; dele copia as elegâncias, os hábitos, os preconceitos; de nós nada; desnacionaliza-se.

Angola, não! Oh! Igrejas de Angola, cheias de fieis, cheias de mãos negras erguidas para Deus, de bocas negras cantando na nossa língua, na nossa sagrada língua portuguesa, as preces irmãs das que se cantam nas capelinhas das nossas serranias! Para nós, portugueses, caminham estas gentes, nós somos o alvo destas ambições. Vestir como nós, ser como nós, falar como nós, viver como nós, ser português enfim, eis o desejo, o móbil, o destino do negro de Angola.

A escola diurna e nocturna, laica, ensina a nossa língua; o missionário, mestre por amor de Deus, ensina o português; e todo o preto sabe que falando português fala a língua não dum povo que o domina, mas dum povo de que ele faz parte.

É claro que o indígena, o assimilado ou o mulato, não nos veem dar a nós lições de recta pronúncia; o seu português é forçosamente pretuguês; e entre aqueles que falando a língua, não pensam nela, dão-se freqüentemente confusões de palavras, ignorâncias do valor de frases e locuções, cómicos efeitos dum ciência mal digerida, campo vasto de inofensivas anedotas.

Uma rua mal calçada, trepando uma encosta suave, com árvores raquíticas e escasas, largura de avenida provinciana, ladeada de passeios agressivos aos pés e casas modestas, casas de pequenos funcionários, de artífices mulatos, raro aliada dum edifício esbelto, mesquinha de qualquer riqueza. Corta-a a meio a linha do caminho de ferro, de via reduzida, que atravessando-a desprovida de cancela ou resguardo, tem um ar familiar de cousa inofensiva.

Passam dúzias de automóveis, de «camionettes», de todos os feitios e marcas, mesmo anti-diluvianas; há *chauffeurs* de todos os tons, gama rica do branco ao preto, predominando o mulato simples, produto de... meio sangue.

Cruzam em todas as direcções indígenas, que são serviçais, artífices, vendedores, todos vestidos com calça e camisa, alguns de botas e chapéu, mulatos e assimilados muito limpos e janotas, com evidentes preocupações de elegância; pretas envoltas nos seus panos tradicionais, caíndo-lhes um da cabeça, como um manto de Nossa Senhora, trajas que os antigos missionários lhes ensinaram; pretas e mulatas de saias, de vestidos, costureiras e criaditas, algumas descalças, outras de chapéu e sombrinha, *midinettes* de chocolate, tantas, tão graciosas, vestindo pelo corte francês, seguindo a moda, de gestos recatados, de atitude elegantes.

Vista... panorâmica... de Luanda. Avenida Ferrer...

A senhora branca:—Quantas visitas entraram?

O criado preto:—Cinco ninguens...

O branco (insultando uma preta)—Sua negra!

A preta (juriosa)—Preta, sim! Mas educada...

Maria Archer.



Não há, decerto, lisboeta que não conheça, ali a S. Sebastião da Pedreira, frente ao velho Jardim Zoológico ou Parque de José Maria Eugénio, o histórico e formosíssimo palácio, conhecido pelos «Meninos de Palhavã». É, sem contestação, um dos mais belos palácios da capital e um espécimen, de rara elegância, da arquitectura seiscentista. Não pertence já a Portugal. Embora situado na capital portuguesa é um pedaço de terra estrangeira; pertence à República Espanhola, que ali tem instalada a sua embaixada.

Foi o palácio com seus jardins, edificado em 1660, por D. Luiz Lobo da Silveira, 2.º conde de Sargedas, e logo seu filho, D. Rodrigo da Silveira, terceiro conde do mesmo título, melhorou e embelezou o traçado do excelente edifício, mandando que se construísse o magnífico portão de entrada principal, sobre o qual ainda se vêem hoje as armas daquela nobilíssima família. No século XVIII extinguiu-se, por falta de descendência, esta nobre árvore genealógica, e os bens dos Sargedas passaram à posse dos condes da Ericeira, que depois foram feitos marqueses do Lourçal. Também esta família desapareceu e seu património passou aos condes de Lumiares.

A estes nobres senhores coube, portanto, a honra de ter, com mansão senhorial, o palácio que alia à sua beleza a notável lista de factos históricos e pitorescos que seus muros têm presenciado, de que os seus sumptuosos salões e jardins de maravilha têm sido teatro.

Neste palácio faleceu, em 27 de Dezembro de 1683 a rainha D. Maria Francisca de Sabóia, a que foi esposa de D. Afonso VI e, depois, do pérfido irmão D. Pedro II. Mas o nome, pelo qual o vulgo sempre o conheceu, veio ao palácio formoso porque foi moradia dos infantes D. António, D. Gaspar e D. José, filhos naturais, reconhecidos, de

UM PALACIO QUE É UM COFRE DE RECORDAÇÕES HISTÓRICAS...

OS MENINOS DE PALHAVÃ

D. João V, o nosso Rei-Sol. O povo chamou a estes bastardos os «meninos de Palhavã» e à História e ao pitoresco passaram alguns feitos curiosos da vida de tão preclaros «meninos».

O mais curioso dos três infantes foi, decerto, D. Gaspar, arcebispo que foi da diocese de Braga. Era figura risível, ao que dizem os que em escritos o retrataram. Tão pequenino era que, para celebrar o Santo Sacrifício da Missa era mister que se empoleirasse em um banco que havia feito construir, especialmente, para esse fim, pois que, de outra forma, não chegava mais do que com o eminente nariz à altura do altar. Era o reduzido infante, filho de uma das concubinas do rei pedulário que edificou a basílica e o convento de Mafra. Era mui formosa esta dama e, na história escandalosa deste reinado, ficou com o poético e evocador nome de *Flor da Murta*.

Não mais é preciso dizer para se saber de sua alta linhagem.

O augusto amante, ao faltar-se da beleza abandonada desta dona, fez que ela se recluísse em clausura e em clausura morreu. Mas deu-se o caso que D. Gaspar, sem talvez saber a que se arriscava, visitasse um dia o convento em que estava sua mãe. A pobre reclusa, quando topou com o filho, que desde menino não via, cegou-se dos seus sentimentos maternos e não pôde evitar adiantar-se para êle e balbuciar, em êxtase:

— Meu filho!... Meu filho!...

Ficou o homúnculo petrificado, mas depressa reagiu e, mostrando a raça de que provinha, exclamou:

— Senhora! Os filhos de rei, não têm mãe!...

Cambaleou, sob o insulto, a triste *Flor da Murta*, mas logo ripostou, rígida, altiva, genialmente:

— Senhor!... Os filhos de... *freira*, tão pouco têm pai!...

E como a liberdade de linguagem da época fez que a frase fôsse mais crua do que a que estampamos, fácil é calcular como ficou o inclito arcebispo que desprezava a pobre mãe.

Outra história curiosa sucedeu aos manos de D. Gaspar, e foi a seguinte:

Era primeiro ministro de D. José I o Marquês de Pombal. O arguto e grande político dera-se inteiramente à defesa da supremacia do poder real sobre o eclesiástico, na governação pública portuguesa. No ano de 1761 aparece em Lisboa um livro sensacional, que todos atribuíam ao grande Marquês. Chamava-se o volume *De potestate régia*, e assinava-o João Inácio de Souto, Intendente Geral das Polícias. Era o início da revolução liberal portuguesa pelo combate ao ultramontanismo dominante. O Marquês havia decretado a expulsão dos jesuítas e rompera as relações diplomáticas com a Santa Sé. Era enorme a inquietação nos espíritos e o Marquês defendia-se dela, defendendo espectacularmente a supremacia do poder real. E, ao mesmo tempo, ia-se formando uma grande força burguesa, que havia de substituir esse poder real pelo poder do povo.

A Inquisição, portanto, viu-se na necessidade de dar combate à avalanche. Era Inquisidor-mór, precisamente, o infante D. José de Bragança, outro dos *meninos*. Este ordenou aos familiares, conde de S. Lourenço e visconde de Vila Nova de Cerveira que prendessem o Intendente Souto à sua ordem, se apoderassem de todos os seus papéis e de todos os exemplares do livro, sob a acusação de atentado contra os direitos da Curia Romana.



UM DOS VESTÍBULOS

João Souto reagiu. Embora entregasse os exemplares de *De potestate régia*, opôs-se à busca porque, dizia, tinha em seu poder muitos papéis de segredo de Estado, que não podia revelar sem ordem do monarca. Deram-lhe voz de prêso e Souto recusou-se também a abandonar a guarda de tão preciosos documentos. Ficou ali um dos familiares a custodiá-lo e outro correu a pedir ao Marquês de Pombal uma ordem de prisão contra o rebelde. Com a sua fina argúcia, o Marquês pôs El-Rei ao facto do que se passava e este ordenou que se encarcerassem os familiares do Inquisidor-Mór e que Sebastião José de Carvalho e Melo fôsse, em seu nome, censurar D. José de Bragança, por aquele abuso de poder.

Mas, no Palácio de Palhavã, o caso agravou-se. O menino Inquisidor entrou em tal cólera, que não hesitou em arrancar a peruca empoadada do grande Marquês e dar-lhe com ela na cara repetidas vezes. E não contente com isso, desembainhou um punhal que trazia sob o hábito, e mataria o grande reformador se seu irmão, D. António de Bragança, o não tivesse evitado.

Pombal correu a queixar-se a El-rei, do insulto sofrido. E, ao mesmo tempo quasi, chegavam ao Palácio D. José e D. António, para se desculparem.

Negou-se o rei a recebê-los e só o infante D. Pedro, irmão do monarca, lhes fez saber que não deviam esperar a clemência real. Com efeito, D. José I queria dar morte aos dois meninos, mas o Marquês, legalista rigoroso, opinou que só o Conselho de Estado deveria sentenciar. O Conselho, no entanto, votou também a morte, mas o patriarca Saldanha impetrou a comutação da pena e que o nefando crime fôsse castigado com o internamento dos autores no convento cenobítico do Buçaco. Ali deram entrada o Inquisidor-Mór e D. António de Bragança.

O conde de S. Lourenço foi encarcerado no forte da Junqueira e ali esteve 16 anos, até que morreu D. José I. O visconde de Vila

Nova de Cerveira, encarcerado em Miranda, morreu na prisão. D. Maria I indultou todos os réus e, em 2 de Maio de 1777, o ministro Aires de Sá e Melo ordenava ao Corregedor de Coimbra que fôsse, em pessoa, ao Buçaco, se oferecesse, para servir em tudo, «a Suas Altezas D. José e D. António». Mas só em 1801 o indulto foi legalizado por um decreto. Morrerá já D. António, vivendo o Inquisidor D. José de Bragança. Mas estava morto, também, pela obra genial do Marquês de Pombal e Conde de Oeiras, todo o poderio eclesiástico e da nobreza ante o Rei de Portugal. Aproximava-se, a passos gigantes, a hora em que este teria que dar ao povo voz e autoridade na governação pública.

Mas não ficam por aqui os episódios curio-

sos a que está ligado o sumptuoso palácio de S. Sebastião da Pedreira. Em 1807 e 1808 os franceses, na sua invasão, muito danificaram este formoso solar. Ali estiveram instalados oficiais de Junot e gente de toda a ordem, que vinha na cola do exército de bandedeiros, que representava, na península, o génio imperialista de Napoleão.

Depois, durante as guerras miguelistas, tornou o Palácio de Palhavã a ser teatro de acontecimentos importantes. Em 1833, durante o cerco de Lisboa, foi tomado pelo marechal Bourmont, chefe absolutista. Dali mesmo, o caudilho atacou Atalaia e Campolide, onde era mais forte e decidida a heróica resistência do defensor da cidade, o grande Duque de Saldanha, corifeu da liberdade e da Carta. O parque ficou então destroçado, com suas estátuas partidas, com seus lagos aterrados e o próprio edificio foi muito danificado.

Foi restaurado com perfeição e seus jardins ficaram talhados com uma beleza e uma elegância que surpreendem e encantam. Está hoje o palácio formado da seguinte maneira: a fachada principal com varandas de balaustrades de mármore e, por cima, medalhões magníficos, de mármore também. Termina, do lado norte, pela capela e do outro lado, sul, é seguido por um muro onde está o portão que dá acesso a um formoso e nobre pátio, cheio de estátuas de tipo italiano. A este pátio, de mui belas proporções, dá a fachada sul do palácio, de transcendente beleza, e que é formada por dois corpos salientes, a um e outro extremo, unidas por uma arcaria e escadarias de mármore. Os quatro cantos do palácio são rematados por altos telhados em bico, como é vulgar em Lisboa, principalmente nas antigas casas da beira-mar.

Em 1861, a família dos condes de Lumiares vendeu este palácio ao conde de Azambuja, Augusto Pedro de Mendonça Rolim de Moura Barreto. É hoje, como dissémos, propriedade do Estado espanhol e destinado a Embaixada daquele país.

J. Sousa Fonseca

Fotos Oliveira (Portugália)



UM ASPECTO DA ESCADARIA

ENCORVADO, a pele engelhada, mas o olhar finório, malicioso, *Abafado velho*, sempre metido num grande casaco, é hoje, conforme nos garante, o mais antigo dos cocheiros de Lisboa. Memória fresca, na sua voz arrastada recorda, incessantemente, numa grande saúde, os tempos idos, uma Lisboa que já morreu, uma sociedade dissolvida. Enquanto enrola um cigarro, conta-nos histórias velhas, em que há espanholas e chapéus à Mazantinni, esperas de toiros e toques de violão. Antes de tudo, confessa-nos a sua naturalidade *alfacinha* e do Bairro Alto, que não é um bairro como qualquer outro:

—Tenho setenta e cinco anos e, se não fôsse o reumático, ainda estava por aqui... É uma doença ladra. Nem deixa ganhar a vida convenientemente. Nasci na rua da Rosa, no primeiro andar do n.º 249. Ali passei o tempo de garoto. Depois, quando tinha quinze anos, comecei a trabalhar nos carros. Então, ainda havia as *traquitanas*, ainda os cocheiros iam montados no gado. Tinha que se ser *artista*...

—Você conheceu muitas pessoas da *alta* desse tempo?

—Todos! E bons amigos, boa gente! Havia o Manuel Santa Iria, um Mascarenhas... Eram tantos! Dêles, só sei de um ainda vivo. É o Eugénio dos *cãesinhos*. Quando nos encontramos, que conversas! Isso é que eram fidalgos, rapazes que sabiam gastar o dinheiro e gosavam a vida como deve ser. Nesse tempo não havia *paços-sêcos*.

—Não exageremos...

—O que lhe digo é verdade como uma escritura. Comiam, bebiam, gosavam. Andavam com lindas mulheres, tinham cavalos que era um gosto vê-los, sabiam ajudar os pobres. Quantas vezes me deram fatos inteiros! E todos sem soberba: tu cá, tu lá. O *Abafado velho* era como se fôsse um irmão. E com os outros cocheiros, sucedia o mesmo.

O nosso interlocutor pára por momentos. Arranca, teimosamente, à requemada *beata*, umas derradeiras fumaças e prossegue:

—Havia *retiros* em Campolide, na Porcalhota, no Dáfundo. Nesse tempo, meia Lisboa de hoje estava por fazer. O *Manuel Pedro* era o mais afreguesado e comia-se até rebentar. Lembro-me, também, do *Palhaço* e do *Gualdino*. Depois, quando estávamos todos *alegres*, desatava-se a tocar, a cantar, a bailar... As raparigas brincavam como doidas e não queriam senão aquela fidalguia. O senhor sabe que, então, as mulheres alegres eram quasi tôdas espanholas, andaluzas. E havia cada cara mais linda! Muitos se apaixonaram e sofreram. Vinham contar-nos os seus tormentos. Parece que foi ontem...

—E as *esperas* de toiros?...

—Não me fale disso, que até me cresce a

O ABAFADO-VELHO COCHEIRO DE OUTROS TEMPOS

conta-nos a vida boémia da Lisboa de há cincoenta para sessenta anos

água na bôca! Que vida... Aí pelas oito e meia da noite começavam a sair as tipóias, ajonjadas de fidalgos e de mulherio. Era uma pândega rasgada. Nesse tempo, os carros não tinham travões, mas nós subíamos e descíamos, quasi a voar, a calçada do Mofinho de Vento, que vai dar ao Campo de Santa Ana, onde então era a praça de toiros, no mesmo sítio em que está a Escola de Medicina. Quando chegávamos à calçada de Carriche, quasi sempre passava da meia noite. Ali esperávamos os bichos, comendo e bebendo. Depois, quando os víamos, lá ao longe, trazendo, quasi sempre, à frente, o Ezequiel da Póvoa, lá nos púnhamos a caminho, numa alegria doida, até que chegávamos à praça de Santa Ana. Havia descantes, gargalhadas, a sua pinga a mais... Homens e mulheres cantavam, os campinos corriam para meter os bichos em ordem e tudo aquilo seguia com



O «ABAFADO-VELHO»

uma alegria tão grande, que os senhores não podem fazer ideia. Que saúdes!

—Pagavam bem uma *espera*?

—Calcule... Para o dinheiro daquele tempo, davam-nos dez mil réis! Uma fortuna. Havia com que governar a casa quasi um mês.

—Lembra-se dos cocheiros desse tempo?

—Se me lembro! Havia o *Pingalho* pai, o *Bôca aberta*, o José Maria dos Anéis, o José

Planta, o *Bilâculas* pai, o *Zé Gordo*, o *Meca Grande*, o *Meca da Sala*. E outros, muitos outros. Todos morreram pobres. Se bem se ganhava, melhor se gastava. Só o *Pingalho* juntou dinheiro e comprou umas propriedades. O fi-

lho soube aproveitar. É hoje o dono das casas que há na rampa de Santos, junto ao jardim.

—Você foi sempre cocheiro?

—Fui também sota dos *americanos*. Calcule: ganhava dezesseis vinteis, 360, e chegava muito bem para a despêsa. Até dava para gastar quatro vintens nuns copos, sem que fizesse falta à família. Hoje...

—É que você não quis juntar...

—Lá isso é verdade. A gente só pensava no bródio. Havia saúde e o cabelo não estava branco. Olhe. Houve um companheiro meu, que se meteu a contrabandista. Ainda é vivo e tem a casa numa rua do Bairro Alto. Não sabe como passava o contrabando?

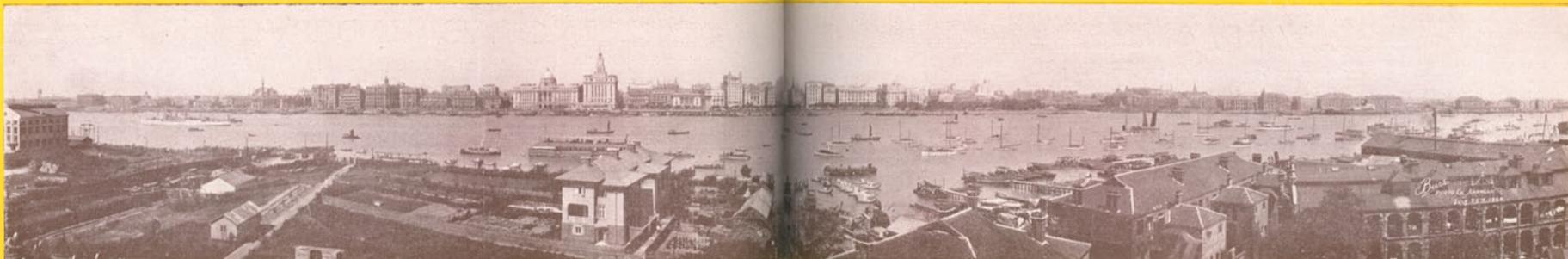
—?

—Pois o contrabando dêle, que eram porcos, entrava em Lisboa como se fôsem mulheres, com fatinhos de chita e chapéus... Todo aquele *peessoal* vinha de *tipóia*... Diziam que os guardas do consumo bem percebiam a *marosca*. Mas a verdade é que, êles lá sabiam porquê, faziam a vista grossa...

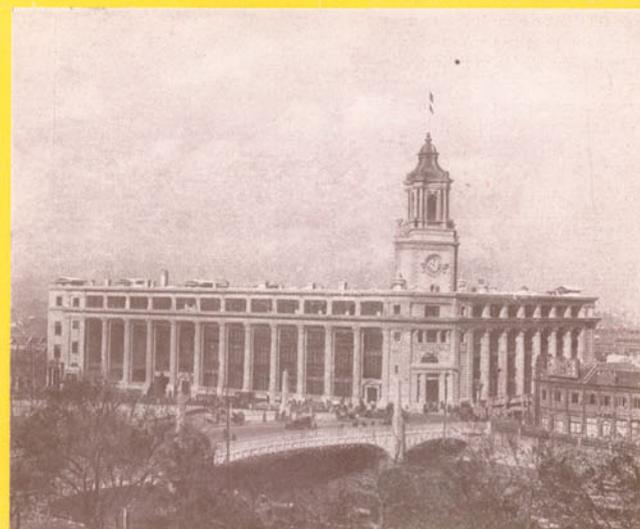
Perde-se o *Abafado velho* em histórias sem fim. Geito da velhice... Recorda o oficial da polícia, Pedroso de Lima, a quem muitas vezes deu que fazer, devido a transgressões, mas que «não era mau rapaz». Conta *piadas* da época, paixões esbraseantes com que andaluzas, de pele morena, reduziram a torresmos vários corações heráldicos. E, no final, num ódio velho, fala-nos com desprezo dos automóveis.

—Quando essa porcária apareceu, era tal o fedor que deitavam, a fumarada nojenta, os roncões e guinchos, que nós, os cocheiros, fazíamos pouco das *maquinetas*. O caso não era para menos. Não havia cocheiro capaz de acreditar que aquelas coisas dessem nada, em comparação com uma bela tipóia, limpinha, de boas molas, puchada por um tronco de cavalos luzidios, gordos, guiados por boa mão... E vêja o que são as coisas! Hoje, só se vê dessa peste, que nos desgraçou e deixou para aí na miséria. A mim, já me apanharam velho. Mas para tantos outros, foi a perdição!

E o *Abafado velho*, friorento, repuchou o casaco contemporâneo da sua mocidade, enquanto os dedos queimados enrolavam um novo cigarro — um cigarro que se converterá em *beata* esquecida aos cantos dos seus grandes lábios, caídos sempre num geito de despresativa indiferença por êstes tempos, que êle não entende, e que já estão muito afastados do meio século que o separa dos bons tempos de outrora...



XANGAI



EM CIMA: — VISTA GERAL DA CIDADE DE XANGAI
 DA ESQUERDA PARA A DIREITA: — ASPECTO DA AVENIDA CENTRAL QUE CIRCUNDA O RIO —
 A «CASA DE CHÁ» SITUADA A MEIO DA AVENIDA CENTRAL — O EDIFÍCIO DOS CORRÍOS — E EM CIMA CHEIA DE TABOLETAS E RECLAMAS

Festas de caridade

No AUTOMÓVEL CLUB

Realiza-se amanhã, quarta-feira da *mi-carême*, nos sumptuosos salões do Automóvel Club de Portugal, instalado no Palácio Palmela, ao Calhariz, gentilmente cedido pela sua direcção, um grandioso baile de caridade, organizado por uma comissão, a favor da *Casa dos Profissionais do Volante*, cujos fins é dar amparo e protecção a *chauffeurs* inválidos.

O baile, seguido de ceia, fornecida pelo Salão de Chá Tivoli, será abrilhantado por duas exímias orquestras *jazz-band*, sendo uma a do Capitólio, e outra formada por distintos amadores, pertencentes à nossa sociedade elegante, que, devido ao fim caritativo da festa, se prestam, gentilmente, a tomar parte, as quais tocarão alternadamente, a fim de que a animação seja constante.

O baile, que é por convites, vai decerto marcar como a festa mais interessante deste inverno, visto os convites estarem distribuídos pelas principais famílias da nossa aristocracia e corpo diplomático.

No AVENIDA PALACE

Na tarde do dia 15 do corrente, realiza-se nos salões do Avenida Palace, o terceiro «chá de caridade», levado a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, a favor da Casa de Protecção e Amparo de Santo António.

Como nos anteriores, haverá partidas de *Mah-jong*, *Bridge* e *Bluff*, podendo marcar-se mesas pelo telefone 28048.

Casamentos

Após o registo civil, de que serviram de testemunhas os srs. Luís Costa e o nosso prezado colega de redacção, Alvaro de Andrade, respectivamente tio e cunhado do noivo, realizou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^a D. Ângela Padrel Correia, gentil filha da sr.^a D. Maria do Carmo Padrel Correia e do tenente sr. Francisco António Correia, com o distinto alferes médico-veterinário sr. dr. José Prostes da Fonseca, filho da sr.^a D. Laura Ferreira Prostes da Fonseca e do coronel sr. Pedro Prostes da Fonseca, já falecidos.

Foram madrinhas a mãe da noiva e a tia do noivo,

VIDA ELEGANTE

sr.^a D. Luísa Costa, que se fez representar por sua filha, a sr.^a D. Fernanda Costa, e padrinhos os srs. tenente-coronel Marques, comandante da Polícia Cívica de Lisboa, que se fez representar pelo segundo comandante da mesma polícia, capitão sr. Castilho, e o



A SR.^a D. ANGELA PADREL CORREIA E O SR. DR. JOSÉ PROSTES DA FONSECA, ALFERES MÉDICO-VETERINÁRIO, NO DIA DO SEU CASAMENTO, REALIZADO NA PARÓQUIA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA

capitão Hermilo Prostes da Fonseca, irmão do noivo.

Terminada a cerimónia religiosa, que revestiu um carácter de muita intimidade, foi ser-



OS NOIVOS, SR.^a D. MARIA HELENA FERREIRA BRAGA DE SOUSA E O SR. JOÃO OSÓRIO DA CUNHA DÁ MESQUITA, ACOMPANHADOS DOS PADRINHOS E CONVITADOS, POR OCASIÃO DO SEU CASAMENTO

vido, na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos, depois, para Coimbra, onde foram passar a lua de mel, seguindo dali para Vila Verde, perto da Figueira da Foz, onde vão fixar residência.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Na residência da sr.^a D. Maria da Natividade Ferreira Braga de Sousa e do distinto pintor-aguardelista, sr. Alberto de Sousa, realizou-se a cerimónia do casamento de sua interessante filha D. Maria Helena, com o sr. João Osório da Cunha Dá Mesquita, tendo testemunhado o acto, por parte da noiva, seus pais, e por parte do noivo, os srs. drs. José Pinheiro Mourisca, desembargador da Relação, e Diogo Osório da Cunha Dá Mesquita, irmão do noivo e juiz na Golegã.

Terminada a cerimónia, foi servido no salão de meza, uma finíssimo lanche, seguindo os noivos em digressão pelo norte, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Realizou-se, com muita intimidade, na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^a D. Maria Argentina Ferreira com o sr. dr. Arnaldo Navarro y Rosa, servindo de madrinhas as sr.^{as} D. Angelina Navarro de Andrade e D. Alice de Veiga Neves, e de padrinhos, os srs. Edmundo Navarro de Andrade, ilustre ministro da Agricultura do Estado de S. Paulo, Brasil, e Joaquim da Veiga Neves.

Findo o acto religioso, durante o qual a sr.^a D. Esmeralda Alves cantou, com acompanhamento de órgão feito pela sr.^a D. Juliana Sousa Bastos, vários trechos de música sacra, foi servido, na elegante residência dos pais da noiva, à Avenida 5 de Outubro, um finíssimo lanche, partindo os noivos para Santarém, onde foram fixar residência.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Foi pedida em casamento, pelo sr. José Alberto Branco Bastos, para o sr. Abel Frias dos Santos, filho do sr. José Joaquim dos Santos, a sr.^a D. Ilda Ribeiro da Silva, gentil filha do sr. Júlio Augusto da Silva.

A cerimónia realizar-se-á por todo o próximo mês de Maio.

D. Nuno.

desportos

A QUINZENA DESPORTIVA

Os jogos de inverno da X Olimpíada não decorreram com a placidez que seria de esperar numa competição que escolhera para teatro de operações um Lago Plácido.

Os incidentes sucederam-se, sobretudo nas provas de velocidades em patins, que deram origem a protestos enérgicos dos concorrentes europeus, chocados pelo processo americano de vencer a todo o custo.

As provas deste género tinham sido disputadas em todos os anteriores concursos oficiais, contra relógio, garantindo a mais absoluta regularidade. Desta vez, por proposta americana, a Liga Internacional de Patinagem adoptou, contra vontade dos escandinavos, a partida em linha, com eliminatórias e final para as quatro distâncias clássicas: 500, 1.500, 5.000 e 10.000 metros. Contrariamente ao que se esperava, a fórmula não aumentou o interesse das corridas e falseou-lhes o resultado, pois os americanos empregaram, sem cerimónia, tôdas as irregularidades e combinações possíveis, no sentido de se entreajudarem e levar um dos seus à vitória. A conclusão foi, efectivamente, um quádruplo sucesso americano, Jack Shea vencendo os 500 e os 1.500 metros, e Irving Jaffee as outras duas distâncias, mas em tempos muito maus, relativamente às habituais *performances* internacionais.

As provas de patinagem artística confirmaram as nossas previsões, valendo vitórias a todos os recentes campeões da Europa.

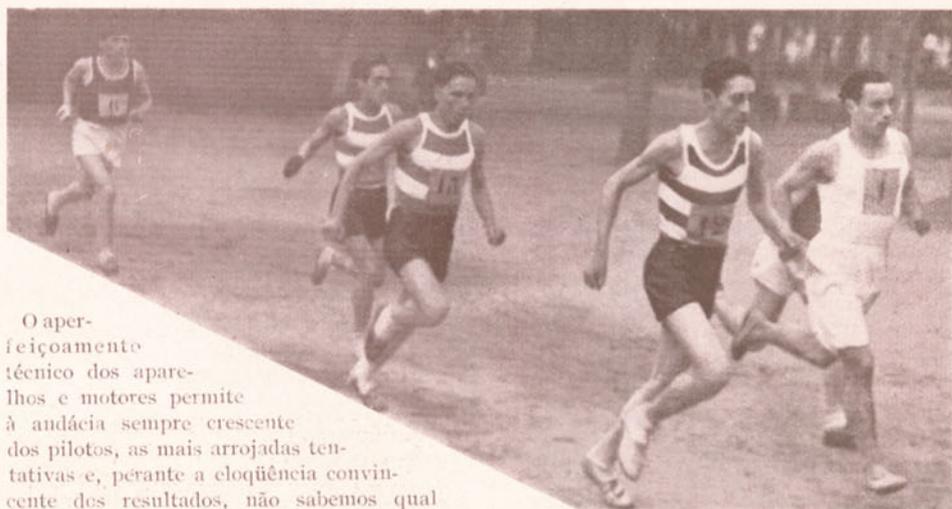
As corridas de *sky* continuaram apanágio dos escandinavos, que se apossaram de todos os primeiros lugares.

Finalmente, as provas de *bobsleigh*, que se não puderam realizar no dia determinado, em virtude das más condições atmosféricas, concluíram pela vitória dos americanos, cuja temeridade arrancou aos suções uns louros que pareciam colhidos.

No concurso de saltos em *sky* foi proclamado vencedor, com surpresa geral, o norueguês Rudd, quando os maiores saltos haviam sido alcançados pelo seu compatriota Bek, que, com 71 metros, estabelecera o *record* local. Como, porém, o estilo conta 60 % e a distância apenas 40 % na pontuação oficial, sucedeu que, no critério dos juizes, os 69 metros de Rudd valerem mais do que os 71 metros de Bek, apesar da crítica reconhecer que este conseguira um estilo clássico, terminando o seu vôo por um impecável *telemark*.

O torneio de *hockey* foi ganho pelo Canadá, que conseguiu a proeza de derrotar, num jôgo, os americanos, e com eles empatar no outro, as duas *équipes* afirmando nítida superioridade sobre os cinco alemão e polaco, representantes europeus.

A aviação reserva-nos ainda as maiores surpresas, destruindo, com facilidade, *records* e feitos que, a seu tempo, se nos afiguravam extraordinários.



O aperfeiçoamento técnico dos aparelhos e motores permite à andácia sempre crescente dos pilotos, as mais arrojadadas tentativas e, perante a eloquência convincente dos resultados, não sabemos qual mais admirar: se o génio inventivo dos homens que produziu a máquina, se a resis-

UM GRUPO DOS MELHORES CONCORRENTES AO GRANDE PRÊMIO DE LISBOA, EM ACROSS, FOCADOS EM PLENA ACÇÃO



AS PERNAS DO CÉLEBRE LADOMÈGUE VOLTARÃO A TRIUNFAR NAS PISTAS?

tência física e coragem moral dos aviadores que realizaram o vôo.

Uns e outros foram rudemente postos à

prova na recente viagem Indochina-Paris, pelos aviadores Codos e Robida. Este percurso, que liga à metrópole a mais importante das suas colónias extremo-orientais, é particularmente presado pelos aviadores gauleses, que em sucessivos ensaios têm procurado efectuar o trajeto no mínimo tempo; o *record* pertencia a Costes e Bellonte, quando regressavam do seu vôo à Sibéria para estabelecimento do *record* da distância em linha recta.

Codos, admirável piloto de linha com mais de quinze anos de actividade e cinco mil horas de vôo, companheiro de Costes nas provas de *record* em circuito fechado, conseguiu agora, levando como observador o jovem engenheiro Robida, percorrer os 11.015 quilómetros que separam Hanoi de Paris, em 3 dias, 5 horas e 40 minutos, dos quais 2 dias, 18 horas e 20 minutos de vôo efectivo.

O plano que publicamos elucida suficientemente sobre as condições de vôo. A distância foi dividida em seis troços e os tempos de paragem em cada um reduzidos ao mínimo; o mais demorado foi de 3 horas e 15 minutos.

Desde a largada à aterragem final o piloto não dormiu um instante, mantendo-se sempre no seu posto e atingindo, apesar de dificuldades climatéricas encontradas em grande parte da viagem, uma velocidade média útil final de 170 quilómetros por hora.

Mais uma vez o célebre Ladoumègue voltou a dar que falar; a Federação Francesa, inves-



O PERCURSO DE CODOS, DE HANOÍ A PARIS

tigando sôbre as condições de um seu deslocamento ao Havre, apurou irregularidades que a levaram a irradiar o club a que Ladoumègue pertencia, suspender por um ano o club convidante e o corredor, até conclusão de um suplemento de inquérito. O crime de lesa-amadorismo consistiu no recebimento de 6.000 francos, como condição de deslocamento, pelo C. A. S. G. ou pelo seu campeão.

A imprensa francesa tem acolhido, com certa severidade, a resolução federativa, acusando-a de extemporânea e demasiado severa. O que, sobretudo, fere a sensibilidade gaulesa, é o receio da perda de Ladoumègue para os jogos de Los Angeles e o desaparecimento definitivo das pistas, das pernas inventíveis do *recordman* mundial.

Pela nossa parte encaramos o conflito com certo scepticismo; há muitos anos que acompanhamos a evolução do atletismo mundial e, até agora, sempre os incidentes dêste género se têm composto a tempo. Concordamos com a opinião de certo crítico que garante a requalificação olímpica de Ladoumègue, pois, fora a sua presença em Los Angeles, nada justificaria a viagem, à América, dos dirigentes federativos.

A forma com as coisas se apresentam deixam-nos mesmo antever a conclusão: é uma novela-mistério pouco habilidosa.

O club será a vítima e Ladoumègue o inocente explorado; como no anterior incidente surgido na época finda, por causa de um entendimento com clubs alemães, concluir-se-á que o dinheiro entrou integralmente nos cofres agremiativos e o pobre Ladoumègue nem sequer de facto tivera conhecimento. Cobertos seus ombros do mais immaculado arminho de amadorismo, aureolado com a coroa do martírio, êle aparecerá em Los Angeles a colher os louros olímpicos de que a França tanto carece.

* * *

Nos meses de Junho a Julho próximos terão lugar, em Praga, as festas do IX Congresso Federal Sokol, a exemplar organização de educação física nacional checo-eslovaca; 15.000 atletas se exhibirão em conjunto nos exercícios de gymnástica, tendo sido convidadas 22 nações para se fazerem representar, entre as quais o nosso país, por intermédio da Organização Lusíada.

Em Portugal, onde a educação física das massas populares é absolutamente ignorada, seria de um interesse nacional a propaganda de uma organização semelhante como a conceberam os criadores do agrupamento Lusíada.

Não esqueçamos que a Checo-Eslováquia conseguiu alimentar, durante o domínio austriaco, o espírito nacionalista, graças ao sokolismo. No grande impulso de reorganização de uma consciência nacional, que hora a hora se desenvolve no país, a cultura física tem um papel determinado a desempenhar dentro das suas funções educativas e disciplinadoras.

O projecto grandioso de reunir, numa organização gymnástica nacional, tódã a gente portuguesa, firmando em laços de estreita confraternização uma unidade de tódãs as classes, sem espírito político, conhecendo apenas o interesse da pátria, é um ideal sublime

que assegura aos Lusíadas o êxito da sua missão.

Quando tivermos em cada português um homem fisicamente culto e intelectualmente preparado, poderemos confiar nos destinos superiores da nação, protegidos pela falange de homens válidos, dignos descendentes de uma raça audaz, que foi senhora do mundo.

* * *

A quinzena portuguesa foi muito fraca em acontecimentos, perturbada pela quadra carnavalesca que, entre nós, é uso sacrificar ao comodismo dos desportistas foliões.

A prova cuja disputa ofereceu mais relêvo foi, sem dúvida, o Grande Prémio de Lisboa de Cross, levado a efeito pela A. A. L., numa excelente inspiração de propaganda.

Embora o percurso houvesse sido traçado muito mais em estrada do que através campo, isso foi resultante dos propósitos de propaganda que a entidade organizadora tinha em vista, e que foram em absoluto atingidos. Os benefícios que resultarão

para a causa do atletismo justificam em que não deve em justiça absoluto a discordância, ser criticada.

A jornada, que compreendia uma prova para juniors, na qual triunfou o sportinguista Manuel Marques, e outra para seniors em que o neo-benfiquense Manuel Dias a muito custo se desembaraçou de Adelino Tavares, foi interessantíssima, sendo as corridas muito bem disputadas, e a luta indecisa até final.

Tudo merecia incondicionais aplausos, sem alguns erros de organização técnica imperdoáveis dada a interferência de certa criatura cuja imbecilidade audaciosa

costumava criticar até as coisas bem feitas pelos outros.

Aquela da chegada dos juniors num corredor de dois metros invadido pelo público, e lugar de passagem dos corredores que ainda tinham uma volta a dar, é inédita e classifica o técnico. Também não posso concordar, por ser contrário a tódãs as teorias modernas do cross, com a colocação da parte severamente acidentada do percurso, no final da prova.

O critério razoável foi o adoptado para o cross dos seniors: o obstáculo a meio percurso.

Os campeonatos de jogos em campo pouco avançaram, excepção feita ao de rugby, que se decidiu pela falta do Benfica ao seu encontro com o Sporting. A notar que os resultados anteriores haviam colocado o club do Campo Grande, graças à grande superioridade do seu espírito ofensivo, numa situação favorável em relação aos mais directos competidores.

Eliminados assim os vermelhos, o Sporting é desde já campeão de Lisboa nas duas categorias, seja qual for o resultado a verificar no próximo domingo contra o Gimmásio.

No entanto, o embate será particularmente interessante, pois os dois clubs fizeram jôgo nulo na primeira volta, e ambos estão até agora invictos; com a diferença que o Sporting tem destrôgado todos os outros competidores, enquanto o Gimmásio se amarrou a uma série de empates pouco brilhantes.

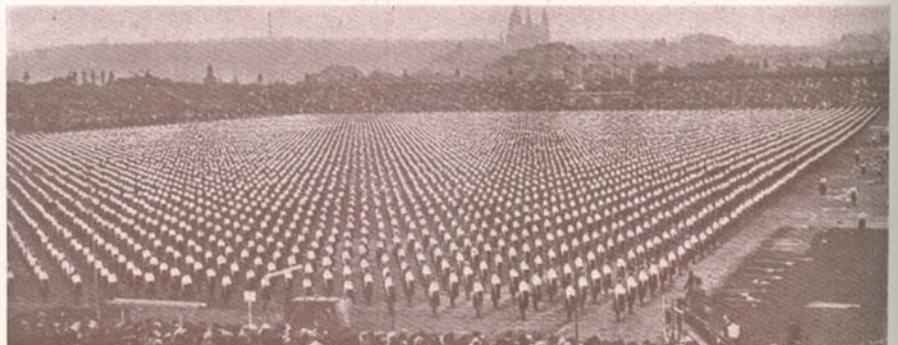
O torneio lisboeta de football segue seu caminho em andamento de tartaruga, esmaltado domingo a domingo de lamentáveis incidentes, desgraçadas demonstrações da indisciplina latente e de uma falta de educação que não é só desportiva. Felizmente os dirigentes da Associação de Foot-ball agiram agora com a necessária severidade, punindo de maneira a marcar um exemplo. Nunca é demasiado tarde para enveredar pela senda da razão.

O campeonato de hockey recomeçou a sua actividade, com as mesmas características de largueza da época anterior.

Salazar Carreira.



O CASAL BRUNET, QUE TRIUNFOU NOS JÓGOS OLÍMPICOS, EM PATINAGEM ARTÍSTICA

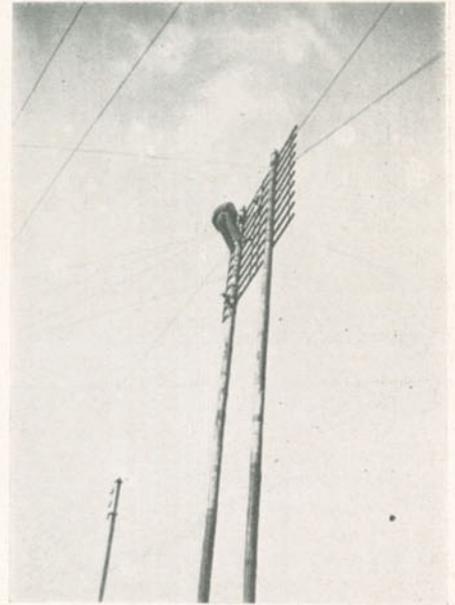


UM ASPECTO GRANDIOSO DE UMA PAREDE SOKOL

Concurso Fotográfico
entre Amadores
organizado pela
"ILUSTRAÇÃO"



046 — OUTONO — (Foto do sr. J. M. — Lisboa)



051 — GUARDA-FIOS — (Foto do sr. Alvaro Duarte F. Brito — Leiria)



047 — UM MOMENTO DEPOIS DO BANHO



048 — CURIOSIDADE DOS DEZASEIS ANOS
(Fotos do sr. Fernando Alves — Lisboa)



049 — BONS COLEGAS BRINCANDO



052 — LUZ DA MEIA NOITE — (Foto do sr. José de Serpa Brandão — Lisboa)



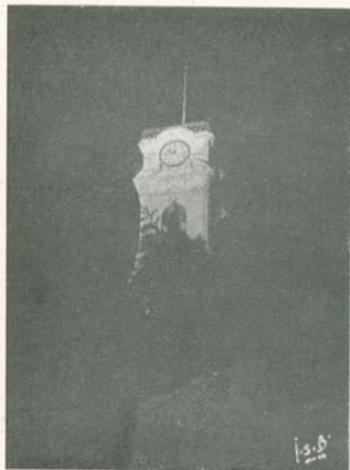
050 — REBANHO NUMA ESTRADA — (Foto do sr. J. M. — Lisboa)



053 — À HORA DA REFEIÇÃO — (Foto do sr. Manuel Dias — Lisboa)



054 — VAI PRINCIPAL A MERENDA — (Foto do sr. Manuel Dias — Lisboa)



055 — TÔRRE DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
(Foto do sr. José de Serpa Brandão—Lisboa)



056 — O BANHO — (Foto do sr. A. Marques Júnior—Póvoa)



057 — CLAUSTROS DA SÉ VELHA DE COIMBRA
(Foto do sr. José de Serpa Brandão—Lisboa)



058 — PÔR DO SOL NA FIGUEIRA DA VOZ — (Foto do sr. José de Serpa Brandão—Lisboa)



059 — ESPERA DE TOIROS EM VILA FRANCA DE XIRA — (Foto do sr. Reis Sousa—Lisboa)



060 — A MERENDA — (Foto do sr. José Jorge—Lisboa)



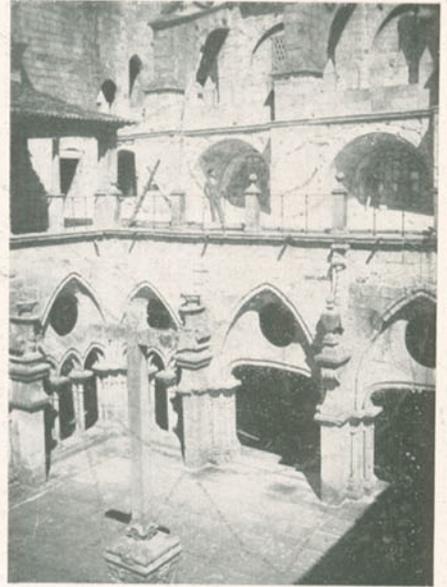
061 — VARINAS — (Foto do sr. J. M.—Lisboa)



062 — TRABALHANDO PARA AQUECER — (Foto do sr. Gil Brado—Braga)



063 — PODIA TARG-LIES PARA PEOR... — (Foto do sr. Hordelo de Seabra — Anadia)



067 — CLAUSTROS DA SÉ DO PORTO — (Foto do sr. Alfredo António Meireles — Porto)



064 — PÃO AOS PATOS — (Foto do sr. Samuel Azavey — Lisboa)

AS BASES DO CONCURSO

Para se concorrer ao Concurso Fotográfico entre Amadores que a Ilustração tem organizando, basta enviar à nossa redacção provas fotográficas que, pela sua perfeição, sejam dignas de reprodução. É indispensável que essas fotografias nunca tenham sido publicadas e não sejam de tamanho inferior a 6x9 nem superior a 18x24. As provas, mesmo não publicadas, não se devolvem.

A Ilustração dedica, não só 3 prémios de originalidade e perfeição, como 14 prémios de «sorte», que serão sorteados pela lotaria de Santo António.

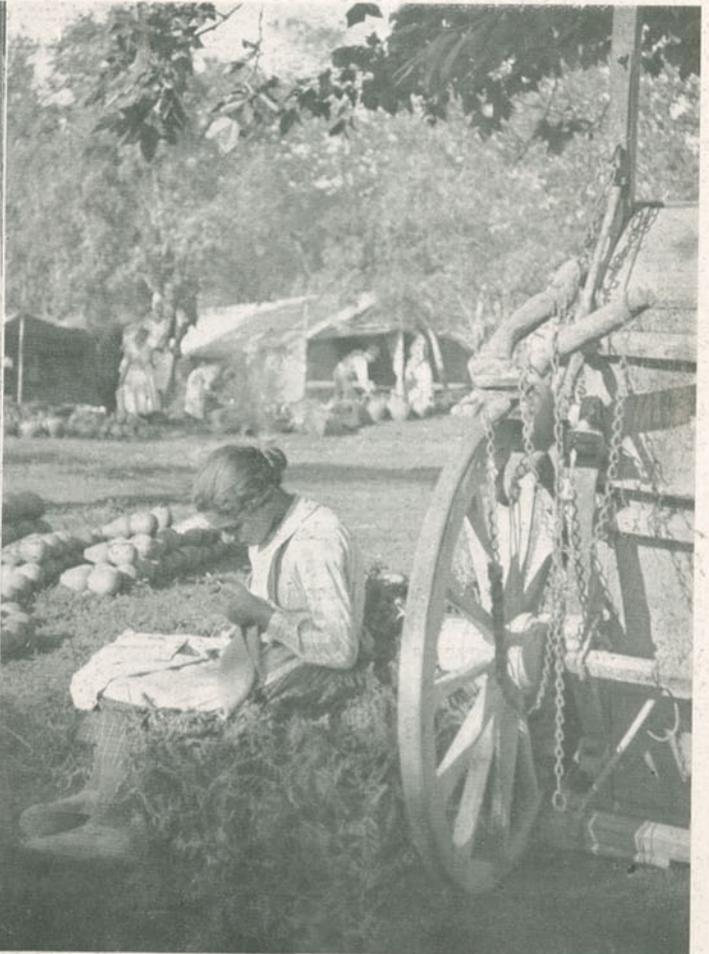
Um "Cine-Kodak" no valor de 1.720\$000, oferta da reputada Casa Kodak

Um prémio de 1.000\$00 em dinheiro, oferta da "Ilustração"



065 — AS LAVADEIRAS

(Fotos da sr.ª D. Maria Rosalina Moreira — Lisboa)



066 — COZENDO AO AR LIVRE



dá pesca

A figura dominante desta quinzena foi o dr. Ramada Curto que, tendo escrito uma peça originalíssima, cheia de interesse e de técnica vanguardista (parece-me que é assim que se chama), inventou ao mesmo tempo uma cadeira que obriga, toda a pessoa que nela tome assento, a dizer a verdade. É, tendo feito a comédia subordinada à sua invenção, chamou-lhe *A cadeira da verdade*.

A peça agradou imenso e provocou a discussão precursora dos grandes êxitos. Ramada Curto é um autor feliz e teve sorte com a sua última produção, o que equivale a dizer que a *Cadeira da verdade* se transformou numa sorte de cadeira.

Só não compreendo como um advogado tão arguto lançou no mercado um móvel que, instalada nos tribunais acabará, de um dia para o outro, com a advocacia. Sim, porque eu pergunto a mim mesmo, que valor terá amanhã o interrogatório habilidoso do advogado se a testemunha estiver sentada na cadeira da verdade e como se há-de argumentar e provar a inocência do criminoso, se o banco dos réus tiver sido substituído pelo mirabolante *fauteuil*.

Só uma vantagem, para a advocacia, pode ter a vulgarização da cadeira da verdade: no dia em que os pobres maridos se sentarem, ao lado das esposas, nessa máquina infernal, o número dos processos de divórcio será infinito.

Dada a minha velha camaradagem com Ramada Curto (somos umas crianças que nos conhecemos há 40 anos), consegui que êle me ofertasse uma daquelas suas diabólicas engenhocas e, de posse do estupendo móvel, procurei que nêle se sentassem algumas das mais prestigiosas figuras da política, das artes e das letras

portuguesas. Requir, o que elas tomaram assento na cadeira da verdade:

«O cabelo não é meu».

Erico Braga.

«Não sou Gustavo Le Bon».

José Parreira.

«O Ferro sabe o que diz».

Tomaz Colaço.

«O Tomaz Colaço tem talento».

António Ferro.

«Vê qual é o caminho que te convém e segue».

Grandela.

«Gosto de ver representar o Alves da Cunha».

Chaby Pinheiro.

«O Chaby é um grande actor».

Alves da Cunha.

«Quando pintámos os quadros estive-teles».

Os futuristas da Brasileira.

«Não penso voltar a Portugal».

Afonso Costa.

«Nem eu».

D. Manuel.

«A figura central dos painéis de Nuno Gonçalves é Santa Catarina».

José de Figueiredo.

«As luvas são para presumir».

Alfredo Pimenta.

«O povo não pode nem deve pagar mais».

Oliveira Salazar.

«A cadeira da verdade é uma mentira».

Ramada Curto.

«Não tenho graça nenhuma».

Eu.

Dizia um filósofo: O homem pensa. A mulher dá que pensar. O homem tem o instinto da conservação. A mulher tem o instinto da conversação.

No dia seguinte à primeira representação o autor da peça queixa-se, a um amigo da crítica de Fulano:

— Imagina que chega a dizer que a minha peça não tem pés nem cabeça.

— Não faças caso. Fulano é um crítico que só escreve o que ouve dizer aos outros.

Mais alguns vocábulos do dicionário em preparação:

BOCEJO— A tentativa que a gente faz para engulir o aborrecimento.

BURRO— Animal pobre que aspira a ter uma burra.

GRACEJO— Uma verdade servida com açúcar.

MARIDO— Um sujeito que prometeu a uma mulher aborrecer-se com ela a vida inteira.

VERDADE— Uma coisa em que as mulheres não acreditam.

VIUVO— Um doente que começa a melhorar.

O Lopes foi ao médico: — Sempre que ando a pé, fico fadado, o pulso rápido, a respiração agitada... O que devo fazer?

— Tomar um *taxi*.

Mais vale não ter nada do que ter um olho de vidro.

— Só bêbo *Champagne* nos dias grandes.

— E quais são, para ti, os dias grandes?

— São aqueles em que bêbo *Champagne*.

— Quando casei adorava minha mulher. O meu desejo era comê-la com beijos.

— E agora?

— Agora, estou arrependido de o não ter feito.

Discussão ibérica: O *espanhol*— Os Montes Hermínios são maravilhosos. Foram construídos pelos meus antepassados.

O *português*— Já ouviu falar do Mar Morto? Foi o meu avô quem o matou.

Na escola de medicina: O *professor*— Qual é o primeiro sintoma da aproximação da morte?

O *aluno*— A chegada do médico.

O pescador: **Lino Ferreira.**

Cinema

Revista das Estreias

MUITOS são os realizadores que têm sofrido a influência renovadora da escola russa. Mas em nenhum ela é mais sensível do que em Pabst, o grande realizador alemão de que admiramos, há pouco, no S. Luís, a última produção — *Tragédia na mina*.

A influência que esta obra acusa não é, propriamente, cinematográfica. Não atinge o estilo pessoal de Pabst, tão bem definido neste filme como em *Crise*. O que denuncia a sugestão renovadora do cinema eslavo é, por assim dizer, a dinâmica social desta obra. Não há nela personagens centrais. O realizador esquece as ações individuais que se esboçam antes da catástrofe. A partir desse momento, só a multidão interessa. As *vedetas* — só as convenções comerciais justificam que este filme as tenha — fundem-se nessa multidão. Está nisto toda a diferença que separa esta obra notável dos filmes-padrão que inundam os mercados.

A perfeição técnica alcançada nesta obra é, por seu lado, verdadeiramente notável. O emprêgo da película hiper-sensível permitiu fotografar quantidades mínimas de luz, e os resultados obtidos são dum belo efeito artístico. O som teve também a sua mais feliz aplicação. Uma cena há — aquela em que o velho mineiro procura o neto através das galerias destruídas pela explosão — em que a ressonância peculiar às minas é fielmente reproduzida. Não é menos notável o rumor sinistro do gás incendiado que se espalha pelas galerias.

Muito haveria a dizer sobre o profundo conceito social que anima toda a obra. Em especial, a sua serena imparcialidade. Franceses e alemães são apresentados com as suas virtudes e os seus defeitos. Por sobre as dissensões que os separam, para além dos seus mal-entendidos, está a solidariedade humana dos que lutam e dos que sofrem. E é por o demonstrar, de forma tão superior e luminosa, que este filme contribui mais para o falado estreitamento das relações franco-alemãs do que todas as graves conferências entre chancelarias.

Quanto ao resto, Pabst imprimiu a esta sua nova produção o seu realismo violento, à maneira germânica, fugindo, quanto possível, ao convencional. O seu estilo choca, talvez, numa ou noutra passagem, com a nossa sensibilidade de latinos. Tal é o caso, por exemplo, da cena em que uma mãe, levando pela mão o filho, acompanha durante momentos a *équipe* de socorros alemã. A sua miséria e a sua resignação, que dir-se-iam reais e não

representadas, confrangem. Sente-se vontade de descobrir, sob a sua expressão de sofrimento, a máscara do actor. E não se consegue.

Há ainda no filme uma cena que merece uma referência especial. É aquela em que o mineiro louco evoca os horrores da guerra. Excelente de efeito e, como todo o filme, animada do mais alto espírito de justiça e de humanidade.

A ideia de fazer decorrer toda a acção em torno duma dessas criações gigantescas da

comum, na bôca dum criado de bordo. Durante os escassos seis dias que a viagem dura vive-se, dentro dessa luxuosa cidade flutuante, uma existência animada. Anuncia-se a falência dum banqueiro, que viaja a bordo. Há *gangsters* audaciosos, aventureiros e burgueses. Uma tentativa de assassinio. Uma luta emocionante

no vastíssimo *hall* das máquinas. Tudo isto está acertadamente ordenado e bem realizado. Nota-se o louvável escrúpulo de fugir ao convencionalismo deste género de películas. O crime é castigado e a virtude recompensada, mas em proporções razoáveis. Talvez, por isso, não tenha agradado a todos.

Edmund Love não se afasta um momento do personagem que criou em *Club 73*. Mas, porque a sua interpretação era, neste filme, excelente, não há que o censurar por isso. Lois Moran, adorável, e Myrna Loy, enigmática; era tudo o que delas se pretendia.

A par destas duas obras, de ambiente caracterizadamente moderno, tivemos *Pista de gigantes*, uma reconstituição histórica de valor. Não faltam na história e na pre-história epopeias do género da que nos descreve Walsh, neste filme, em que as raças, animadas por misteriosa intuição, partem à conquista do desconhecido. Mas esta é, sem dúvida, das mais curiosas, por isso que é quasi dos nossos dias, e precedeu, tornando-a possível, a colonização do oeste americano, dos vales férteis da Califórnia, de toda essa vastíssima região que enfrenta o Pacífico. Dela derivaram, mais tarde, os fundamentos duma civilização intensa. E não deixa de ser curioso recordar que, da árvore gigantesca que nos dá a última imagem do filme, a um desses monstruosos *arranha-céus* de aço e cimento, que lhe vieram tomar o lugar, medeia pouco mais de dois séculos de distância.

Para terminar, referir-nos-hemos a *Madame Satan*, uma fantasia espectacular agradável e, sobretudo, cheia de surpresas. Destas, a maior é, sem dúvida, a que nos dá De Mille, dirigindo uma película num género que foge, em absoluto, ao que lhe conhecemos.

Onde se nota ainda um pouco a maneira de De Mille é na encenação espectacular. A festa a bordo do dirigível e a sua destruição acusam essa paixão do grandioso, que está em todas as suas obras, mas aplicada aqui num sentido totalmente diverso.

Manuel L. Rodrigues.



A CÉLEBRE ARTISTA MARY CARLYLE

indústria moderna — como seja a mina, a fábrica ou o paquete — teve uma aplicação bem diversa em *Transatlântico*. Nenhum sentido social se descortina nesta obra, a não ser no modo como nos apresenta a miniatura duma sociedade pervertida. Mas nem por isso o filme deixa de ter qualidades apreciáveis.

«Um navio é um mundo pequeno...», tal é a verdade profunda, transformada em lugar

NOTA DA QUINZENA

Actualidades
sonoras

A iniciativa do nosso colega de imprensa, «O Seculo», de promover a realização dum jornal cinematográfico de actualidades portuguesas, veio recordar-nos o papel importante que no desenvolvimento do cinema nacional as actualidades podem representar.

O fonocinema trouxe a êsses repositórios da actividade mundial uma poderosa razão de interesse. Essas bobines, através das quais perpassam os factos mais notáveis das cinco partes do mundo, deixaram de ser um complemento insignificante ou fastidioso do programa. A sua oportunidade, o interesse que revestem não passam despercebidos ao público, e a sua influência faz-se, por consequência, sentir no conjunto do programa. Nas grandes capitais, como Paris e Nova York, existem até salas especializadas nêsse género de películas, onde elas, conjuntamente com as de desenhos animados, formam todo o programa.

A iniciativa a que fizemos referência, merecedora embora de todo o nosso aplauso, sofre da falta do elemento que mais contribuiu para conquistar às actualidades o favor do público — o som.

Não nos parece impossível a realização de actualidades sonoras em Portugal. Estamos mesmo convencidos de que ela seria compensadora. Cabe-nos hoje um lugar assás importante na Europa para que, adentro das nossas fronteiras, alguns factos de repercussão mundial se passem. Uma parte da nossa produção, quando dotada de interesse internacional, poderia, portanto, ser vendida às organizações mundiais de informação cinematográfica. Outra, de mais restrito interesse, seria destinada aos mercados da metrópole, colónias ou Brasil.

Para que tudo isto fôsse possível bastaria que uma empresa portuguesa possuísse a maquinaria e respectivo laboratório necessários. Estamos certos que poucas vezes êles estariam inactivos. A realização de congressos

internacionais no nosso país, a visita de esquadras estrangeiras ao nosso porto, a partida de aviões que escolhem esta ponta da Europa para iniciar os seus vôos sobre o Atlântico, são acontecimentos que forneceriam assuntos à reportagem de carácter internacional. Viriam depois as competições desportivas, as cerimónias públicas, os fait divers, assuntos mais pròpriamente destinados ao nosso mercado interno.

O êxito dessas reportagens através de todo o país, não estará porventura assegurado? E quando se trate dum match de foot-ball internacional — um Portugal-Espanha, por exemplo — não constituirá a exhibição na pá-

O resto, o êxito da iniciativa viria naturalmente, e não seria preciso impô-lo com medidas proteccionistas. Porque realizados em idênticas condições de perfeição técnica, um filme que nos mostre um desafio de foot-ball entre Lisboa e Porto há-de oferecer sempre maior interesse para o nosso público, do que a reportagem duma corrida de cavalos na Escócia, por maior que seja o significado internacional desta.

■ ■

Correu com insistência, em Hollywood, o boato de que o governo americano ia proibir o exercício de qualquer profissão aos estrangeiros, procurando dêste modo remediar o chômage entre os súbditos americanos.

Parece-nos natural que tal não chegue nunca a acontecer. As consequências de semelhante medida seriam incalculáveis. Contudo, se assim fôsse, a indústria mais atingida seria sem dúvida o cinema. Quasi tôdas as mais célebres estrêlas seriam forçadas a abandonar o seu trabalho. Greta Garbo, Maurice Chevalier, Charlot e Ramon Novarro, seriam atingidos por essa medida, o mesmo sucedendo a muitos outros artistas e realizadores.

■ ■

As actualidades cinematográficas — reflexo animado do mundo e, portanto, das suas misérias e ridículos — têm-nos dado ultimamente um dos aspectos mais flagrantes da incoerência da nossa civilização. Enquanto, em Genebra, a Conferência do Desarmamento reúne para discutir a maneira de afastar o fantasma da guerra, os nossos cinemas vão-nos oferecendo, através das suas revistas de actualidades, o espectáculo paradoxal dum mundo que se arma até aos dentes. São as manobras da esquadra inglesa no Mediterrâneo, as evoluções das grandes unidades americanas no Pacífico, as paradas militaristas de Hitler e Mussolini...

E durante as últimas semanas o cinema tem-nos dado o documentário de todos êsses meios de destruição que a humanidade, numa perigosa loucura consciente, vai acumulando.

Pensava-se, ingenuamente, antes de 1914 que essa acumulação teria apenas como resultado o respeito mútuo da força! Hoje, ninguém tem essas ilusões.



FÔRÇA E BELEZA — JOAN BLONDEL E A SUA «MASCOTTE»

tria dos nossos contedores uma apreciável fonte de receita? Sem contar, no caso de reportagens de expansão mundial, com a propáganda que, para o nosso país delas resulta.

Por tudo isto, bem merece a protecção do Estado qualquer iniciativa neste sentido. E bastaria que essa protecção se resumisse numa isenção de direitos para o material a importar e em facilidades burocráticas destinadas a simplificar o esforço dos que à empresa metam ombros.

Sic transit glória "stelari"...

"Estrelas" que esquecem, e "Estrelas" que regressam...

NADA há mais efêmero que a fama. Um momento, um nada, e tódta essa aura brilhante que rodeia o artista se esvai. Nada mais caloroso, mais entusiástico que a admiração das multidões pelos seus ídolos cinematográficos. E nada também mais transitório. As multidões esquecem depressa. Há nelas a ânsia irremediável e insaciável de juventude, de novidade. É essa ânsia que condiciona inexoravelmente a carreira dos artistas.

Recordam-se dessa linda mulher e grande artista que é Corinne Griffith? Vimo-la não há muito tempo ainda em *A Mulher Divina*, dando do seu difícil papel uma notável interpretação. E no entanto já a sua carreira terminara para o cinema quando esse filme foi exibido entre nós. Desalentada com as primeiras dificuldades do sonoro rescindiu o seu contrato, pensando dèste modo poder aperfeiçoar a sua dicção e defrontar mais tarde, com êxito, o microfone. Quando quis voltar era tarde. O público, volúvel como uma mulher caprichosa, tinha-a esquecido. O seu nome não voltará talvez nunca a figurar nos cartazes dos grandes cinemas. Colleen Moore, que chegou a ser uma das atrizes mais bem pagas de Hollywood, viu o seu prestígio declinar rapidamente. Ninguém quis encontrar, no fonocinema, aplicação para o seu extraordinário talento mímico.

É natural que ainda haja quem se recorde de Vilma Banky, a inteligente artista que durante tanto tempo foi *partenaire* de Ronald Colman numa série de excelentes filmes. Com o aparecimento do fonocinema Vilma viu-se afastada dos estúdios com a vaga alegação de que a sua pronúncia não era perfeita. E contudo — curioso paradoxo! — desde então que Vilma faz *tournées* através dos melhores teatros dos Estados Unidos, com inteiro êxito.

Alice White é um exemplo típico, entre todos. De modesta estenógrafa viu-se de súbito elevada a «estrela». Não fez uma trabalhosa carreira. Não experimentou as asperezas da vida de *extra*. A vontade dum realizador que a fixou um pouco mais demoradamente, bastou para a fazer ascender dum dia para o outro aos pináculos da fama. A sua queda não foi menos fulminante. Após ter interpretado *Os homens preferem as loiras*, a despeito da sua boa interpretação e do interesse que o público dedicou à estreada, Alice White decaiu rapidamente.

Nem mesmo as maiores artistas escapam a essa lei misteriosa e inexorável que limita as suas carreiras, que desfaz os seus sonhos de arte e glória. Lillian Gish, a inimitável trágica, a emocionante intérprete de *O Vento de Sjöström*, não encontra há muito ocupação

para as suas extraordinárias aptidões adentro do cinema. E contudo, atriz de teatro experimentada como é, Lillian poderia defrontar com êxito certo o microfone.

Bebe Daniels, que no género comédia ligeira gozou largo tempo de grande nomeada, teve em *Rio Rita* a oportunidade de pôr à prova as suas possibilidades de adaptação ao sonoro. O seu êxito foi completo. A-pesar disso, desde então que Bebe Daniels se vê reduzida a interpretar papéis secundários, por ter perdido — quem sabe se para sempre? — o seu antigo posto de «estrela». E o seu caso é também o de Mary Pickford, bastante jovem ainda para justificar a exibição do seu invulgar talento, de Reginald Denny, simpático

são da dura ladeira são fracas. Os que se vão, raramente voltam.

Há excepções quasi milagrosas a esta regra. Pola Negri é uma delas. Essa mulher estranha, que durante muitos anos reinou de facto em Hollywood, impôs as suas extravagâncias ao povo norte-americano, subordinou aos seus caprichos os grandes potentados do cinema, voltou agora há pouco tempo a Hollywood resolvida a reconquistar uma celebridade que parecia perdida para sempre.

Vai, decerto, consegui-lo. Esta singular actriz dispõe da força prodigiosa que anima os artistas de raça. A sua vida é um longo romance, que o jornalismo e a literatura cinematográfica popularizaram. E quando tudo parecia indicar que esse romance ia ter o seu desfecho natural — o esquecimento e o sossêgo depois duma vida agitada como poucas — Pola renasce em Hollywood, de posse duma beleza que o tempo respeitou por enquanto e disposta a encetar de novo a luta árdua da vida cinematográfica. É por isso natural que voltemos, em breve, a ver no *écran* a actriz que foi princesa, que possuiu castelos históricos, que viveu bem de perto os momentos mais agitados da vida da Polónia, e que, como nenhuma outra, soube cercar-se de glória no cinema de há uns bons dez anos.

O seu primeiro fonofilm, *A Woman commands*, agradou sem reservas na América. Pola canta, agradavelmente, uma canção. A sua voz de contralto é, segundo dizem, muito aceitável. Embora não possua aptidões excepcionais como cantora, interpreta bem as nostálgicas canções da sua Polónia distante.

A sua aspiração consiste hoje, segundo ela declarou a um jornalista, em trabalhar sob a direcção de Ernst Lubitsch. Desejaria interpretar, acrescentou ela, uma figura como *Nana* ou *Madame de Bovary*.

E por nossa parte não duvidamos de que nos daria de qualquer dessas duas populares figuras uma magistral interpretação.

A par de Pola Negri, outro actor também não menos prestigioso regressa à actividade — o famoso Tom Mix, que chegou a ser durante algum tempo o actor mais bem pago de Hollywood. Tom Mix vai, portanto, reviver para a câmara cinematográfica as suas extraordinárias proezas de cow-boy destemido. O que serve para provar que a-pesar de tudo o cinema mantém um fundo de infantilidade, em que as epopeias rústicas e ingénuas dos *cow-boys* continuam a ter o seu lugar.

Em compensação, outros há que desaparecem voluntariamente, quando a vida mais parece sorrir-lhes e maior é o entusiasmo e carinho de que o público os rodeia. Clara Bow, que há algum tempo abandonou a actividade em pleno êxito, acedeu depois de repetidas instâncias a assinar um contrato que deveria entrar em vigor em meados dèste ano. As últimas informações dizem-nos, porém, que acaba de rescindir êsse contrato e que não voltará a trabalhar para o cinema. Bastante lamentada será essa resolução por todos os que admiram a conhecida artista.

Nêste jôgo de estrelas que se apagam e que se acendem, que despontam e que se somem no esquecimento, quantos sacrifícios, quantas desilusões!

E, contudo, quantas mulheres belas recusariam essa vida deslumbrante?



MAC CLARKE E RICARDO CORTEZ NO FILME
«RECKLESS LIVING»

comediante dum género em que dificilmente pode ser substituído, e de muitos outros mais que durante algum tempo brilharam com raro fulgor, foram admirados através de todo o mundo, e hoje são apenas motivo de recordação, nomes que evocam horas de emoção ou divertimento.

Quási todos os artistas que passamos em revista lutam, hoje, árduamente por reconquistar a perdida realza. A glória é veneno que penetra nas veias e não mais abandona a sua vítima. Não há esquecimento nem resignação para os que uma vez foram deslumbrados pela sua luz fulgurante. Mas as probabilidades dos que de novo tentam a ascen-



Soliloquios e Comentários



LEIO em Max Stirner: «O poeta grego Simónides canta: «Para o homem mortal, o mais nobre e o primeiro dos bens é a saúde; o segundo, a beleza; o terceiro, a riqueza adquirida sem fraude; o quarto, o gozar destes bens em companhia de amigos jovens.»

.....
Não sei porquê, lembro-me do Dr. João Eloí. E penso logo: Ele te daria o arroz!

«**O** corpo, a parte terrestre do homem» escreveu Baudelaire nos *Paraísos artificiais*. Pois devia saber por experiência própria que a parte espiritual de muitos homens é também o corpo... o corpo de algumas mulheres.

DIZEM que dá Deus o frio conforme a roupa. Comentário de um boémio: Mas então ele não sabia que eu tinha o sobretudo empenhado?

DIZ-ME um amator de telefonia sem fios: Compro a *L'Antenne*, compro a *T. S. F.*, compro a *Rádio-Magazine*. Vejo a França, a Alemanha, a Áustria, a Bélgica, a Espanha, a Inglaterra, a Holanda, a Hungria, a Irlanda, a Itália, os países Bálticos, a Polónia, a Rumania, a Escandinávia, a Suíça, a Checoslováquia, a Rússia, a Jugoslávia. Conheço todos os postos, oiço programas excelentes. Em parte nenhuma leio o nome da minha terra: Portugal. Minto. Leio-o no *Rádio-Magazine*. Fala-me do Pôrto. E eu penso que, não tendo o Pôrto voz capaz de galgar os Pirinéus, quem será capaz de saber que ele existe no mundo civilizado, além do jornal que o descobriu?

O Dr. Ramada Curto inventou a *Cadeira da verdade*, uma cadeira em que, quem nela se senta, queira ou não queira, tem que desembuchar o que lá tem dentro, e que a ser verdade que ele a tivesse inventado tornaria a Vida tão crua que seria necessário inventar a cadeira da mentira para lhe emprestar alguma poesia.

Que a Verdade, não sei se sabem, é Nua e Crua. Daí, vem que ninguém a quer em casa. Por imoral.

NA China vai o diabo. Chineses e japoneses vêem-se amarelos. A Sociedade das Nações vê-se azul. E os vários

generais, considerando que a velhice é doença, inventaram a guerra, para que os novos a não conheçam.

DIZIA-SE antigamente de uma festa pulada que era um *pagode chinês*. Parece que o termo está em litígio. Um pagode chinês será se os chineses vencerem, porque se não vencerem, será um pagode japonês.

CADA vez que leio o padre José Agostinho de Macedo mais admiro a sua robusta compleição literária. Ontem, tinha pôsto de parte a leitura do padre para ler no *jornal o que vai pela Sociedade das Nações e por Xangai.*



tomei a leitura do truculento homem de letras, este diz-me: «O mundo foi entregue aos homens para objecto de suas contestações e disputas». Já no seu tempo era assim.

É também de José Agostinho de Macedo chamar às pessoas chocalheiras almocreves do que escutam. Ora, não é bem dito?

HÁ homens que passam a vida a dificultar o acesso a outros homens. Por que temem que apareça quem possa destronar a sua insignificância.

UM miserável, perguntado sobre o que pensava fazer quando viesse o bolchevismo, respondeu, filosoficamente: Adaptar-me. E disse mais que visse a sua conformidade e grandeza de ânimo, perguntando em ar de desafio se muitos burgueses ricos seriam capazes de tal.

Fiquei-me a sorrir e a pensar. Há na

vida, muitas vezes, decisões heróicas ou violentas que só não admiram quem as toma. Porque não podia deixar de as tomar.

HERCULANO dizia que a primeira necessidade do homem de letras é a dos livros.

Pois é, mas é como se não fôsse. Quem é que quer saber disso?

Um homem de letras à porta de uma livraria: — Ó meu rico bemfeitor, dê-me uma esmolinha. É para livros!

TAMBÉM leio em Herculano que «um capricho não destroi um direito.» Pois não. Em todos os tempos o direito foi feito apenas para conservar os caprichos dos mais fortes.

UM casal, um velho e uma velha de sessenta anos, casaram-se há pouco. Dizia o jornal de onde tiro esta informação que se namoraram 45 anos.

Deviam ser absolvidos da tolice pelo tempo que resistiram à tentação de a praticar. Que, já dizia o outro, nunca é tarde para fazer uma asneira.

O autor da *Arte de furtar* escreveu que «não há coisa mais suave que recolher dinheiro.» Comentário do caixa de um Banco que chega a casa extenuado: «Eu sempre o queria vêr lá no Banco, das 10 às 16, a recolher dinheiro... dos outros.»

DIZEM de Sevilha que todos os santos e santas lá da terra foram inscritos sócios dos vários sindicatos operários avançados. Ora, fica assim justificado, se não se fizer este ano a Semana Santa a razão do facto. Os santos usaram também do seu direito à greve.

Aneta de Camilo continua a debater-se na miséria. Tem uma pensão, mas não iha pagam. Continuará assim enquanto o Ministério da Instrução não criar, à semelhança da França, uma repartição que trate dos escritores e de tudo o que lhes concerne. Assim, o Ministério da Instrução será apenas uma Secretaria Geral do Professorado.

HÁ pessoas que têm o Acaso, por grande amigo e protector. Mas, exactamente quando depois precisam d'ele é que, por acaso, o não conseguem encontrar em casa.

Albino Forjaz de Sampaio.

Vida Feminina

A dança é uma das coisas que mais discutida tem sido através dos tempos e que persiste sempre, apesar da inimizade que lhe dedicam os rigoristas de todas as épocas. A dança tem tido sempre para a humanidade a atracção que as coisas de arte têm.

A dança antiga, considerada sagrada, era um espectáculo que deliciava o povo, como agora nos delicias os bailados da Ópera ou os bailados russos, mas a dança a que me vou referir não é a dança Arte, mas sim a dança distracção de sociedade, e que é como que uma expansão natural da alegria da juventude. Onde se reúne gente nova dança-se. Quer seja nos terreiros da aldeia, nas salas burguesas, nos lugares de reunião pública ou nos palácios reais. A dança é uma distracção natural para os que têm poucos anos, e hoje em dia tem-nos vindo o hábito de dançar em todas as idades, e ainda bem que é assim, porque quem for bom observador deve ter notado a expressão de alegria e de juventude que anima os rostos dos maiores de cinquenta anos quando dançam. As dansas modernas têm sido alvo das mais ardentes críticas, e houve uma época em que na verdade a invasão das dansas americanas dava aos salões o aspecto de batuques cafreais, mas, ultimamente, tudo se tem modificado, e reapareceram as valsas com o seu ritmo lento e suave, e elas triunfam embalando os pares com uma elegância que faz realçar as «toilettes» femininas. O tango continua ainda misterioso e perturbador a sua carreira, que difficilmente terminará.

Mas que lutas éle tem sustentado, e como o seu «charme» é profundo para que tenha resistido intemeratamente aos ataques furiosos dos moralistas? O seu ritmo languido é considerado perigoso pelos seus inimigos—éle perverte a mocidade, dizem.

Mas quando as orquestras atacam as primeiras notas de um tango exótico, que nos trás o perfume de outros países, de outras raças, de outros costumes, nas salas corre um frémito, os pares não resistem e procuram-se os que mais simpatisam, e ao seu languido ritmo ondulam os corpos novos e a atmosfera é diferente. Os moralistas têm, talvez, razão, o tango perturba a mocidade, mas por isso mesmo quanto mais guerra lhe fazem mais éle persiste, e não há quem danse que não lhe preste a sua homenagem. E quanto pior se diz do tango, mais éle persiste, e mais a sua música ardente e misteriosa, e o seu ritmo lento de música estranha e exótica ornata a mocidade que, contra os rigoristas,

adorou em todas as épocas, o que perturba, o que faz sonhar e o que arrelia os moralistas. E por isso a dança persiste e será sempre uma das distracções queridas da humanidade de todos os tempos, e os seus inimigos serão sempre batidos pela maioria que quer divertir-se e que pouco se preocupa com o que os moralistas dizem e que com razão quer aproveitar a mocidade e a alegria.

E a dança será sempre um dos mais apreciados divertimentos talvez até por ter



tanto quem a critique e que seja contra ela e enquanto dela se fala mal, por todo o mundo se dança o languido tango, a suave valsa e os intermináveis «fox-trot» às várias luzes que os tornam sugestivos.

Maria de Eça.

A elegância das capas de noite é hoje maior do que nunca e mais ricos abafos apparecem de estação para estação. Worth o grande costureiro decretou, que o bordado nas capas de noite é um elemento de arte e de riqueza e como vemos numa das gravuras que hoje damos, é lindo esse vestido de veludo de seda preto, moldando admiravelmente o corpo e trabalhado por cortes harmoniosos e que é completado por uma capa curta do mesmo veludo, um pouco *drapé* em volta do corpo. As mangas abrem com largueza a partir do cotovelo e são bordadas a seda branca e *perlées* de cristais azul pálido sobre crepe de China preto. Terminam por uma tira de raposa *argenté* e assim como a gola.

Trabalho delicado, que dá um *chic* pessoal e muito particular a este abafado.

Um modelo elegantíssimo é este de Jenny em tule. Os vestidos de tule estão obtendo toda a preferência das parisienses. O vestido

tem um fundo em setim e a parte superior é toda guarnecida de *miroirs*. O decote, nas costas, fecha com um laço de tule. A cintura é apertada por uma fita de veludo preto. O outro vestido é em *crêpe satin* branco. Uma *torsade* de setim branco, atada ao lado, rodeia a cintura. O decote, *drapé*, adiante, é seguro no ombro por uma laçada. Completa a *toilette* um elegante *manteau* curto, em arminho branco, guarnecido a raposa branca. Estas *toilettes*, de um gosto requintado, não são difficéis de copiar. É para notar como são completadas pelos pequenos detalhes, como as luvas que acompanham a *toilette* criada por Jenny, que têm o canhão bordado a *strass* como o vestido. Esquecia-nos mencionar que a *toilette* branca é um modelo de Augusta Bernard, que ultimamente em Paris tem alcançado um grande nome no meio da costura onde são lançadas as grandes modas, que tornam Paris o grande centro da elegância feminina e que o fazem ser a atracção de toda a mulher elegante e que sabe apreciar devidamente a elegância e o *chic*.

Uma rainha

UMA das rainhas que mais se tem feito amar pelo seu povo é Guilhermina, rainha da Holanda. Subiu ao poder em 23 de

Novembro de 1890, quando era uma criança de 10 anos e logo manifestou nobres qualidades de mulher e de rainha, que com os anos mais se desenvolveram. Alegre, viva, inteligente, appareceu ao seu povo como um desses anjos alados, que os navegantes põem na prôa dos seus navios, como porta fortuna. Mas



ela era muito mais do que um amuleto real. Era um carácter e uma consciência. Tem sido, sobre o trono, uma mulher honesta, uma rainha que sabe dar ao seu povo o bom exemplo e que conserva no seu reino a tradição da virtude. Fielmente submissa à diplomacia para os negócios de Estado, a jovem rainha declarou sempre que não compreendia nesta submissão a escolha de marido. O povo aprovou o seu casamento com Henrique, príncipe dos Países Baixos e, no dia do seu casamento, em 6 de Fevereiro de 1901, deu-lhe mil provas de afecto. Quando o povo da Holanda soube da feliz

chegada ao mundo da princesa Juliana, foi um delírio. A rainha Guilhermina, que já festejou quarenta anos de reinado, tem semeado o conforto no seu caminho. E isto porque é verdadeiramente mulher e porque do seu trono se ocupou sempre da felicidade dos outros e do bem estar dos humildes.

O rubi

QUAL é a mulher que não tem a paixão das pedras preciosas? Todas as admiram e a maioria deseja possuí-los. O rubi é, depois do diamante, a pedra mais estimada. Há variedades de rubis, como as há de diamantes. O mais estimado é o rubi oriental, ou rubi de Ceilão e da Birmania, cuja coloração é vermelha cor de fogo. Este só pode, ser cortado pelo diamante e o seu preço é mais elevado que o do próprio diamante. O rubi de Ceilão, é mais escuro e a sua cor aproxima-se à da Granada; vale menos que o da Birmania. As pedras conhecidas por rubi *spinelle* e rubi balaio, não são rubis verdadeiros e só pela cor se parecem com eles. A sua composição é completamente diferente. O rubi *spinelle* dum lindo vermelho carregado, é colorido pelo ácido crómico, os seus cristais têm um brilho muito vivo, são transparentes e oferecem vários tons de vermelho; o mais vivo é o mais procurado e há quem o faça passar pelo rubi oriental. Encontra-se em Ceilão, no Indostão e no Peru, mas os mais belos vêm da Índia. O rubi balaio de uma cor rosada é menos estimado e há quem o confunda com o topásio queimado. Chamam também rubi do Brasil a um topásio rosado; rubi da Hungria, a uma granada violácea; rubi da Boémia, à granada vermelha cor de fogo; rubi da Sibéria, a uma turmalina vermelha carmezim. Muita gente chama rubi a todas as pedras vermelhas. O rubi do Oriente é um corindo e não um alumínio de magnésio como o *spinelle*. O rubi corindo não é, cientificamente falando, um rubi mas sim uma safira vermelha. É raro que um rubi seja de uma bela cor e de grande

dimensão. As duas qualidades influem sobre o preço da pedra, ao ponto, que uma pedra pálida, pode ser comprada cem vezes menos cara do que a que tem uma bonita cor. O verdadeiro rubi, cuja coloração é devida ao óxido de cromo, distingue-se facilmente das outras pedras vermelhas, pelas suas propriedades físicas (dureza, densidade, forma cristalina, ponto de fusão) torna-se verde ao calor (chama de um acendedor Bunsen) e retoma



a sua cor ao arrefecer. O rubi é a pedra melhor imitada actualmente. A dureza e as propriedades ópticas do rubi falso são as mesmas do rubi verdadeiro.

O desporto e o interior

DECIDIDAMENTE a mulher está optando de uma maneira escandalosa pelo traço masculino. É escusado lutar, barafustar, as calças apoderam-se dos nossos guarda-vesti-

dos e fazem parte da indumentária feminina. Norma Shearer, a grande artista de cinema, uma das mais belas *star film*, adoptou, como vestido de interior, um pijama de lã azul escura com uma *chandaïlle* às riscas azul e branco. É nessa *toilette* que a linda mulher recebe os seus amigos no delicioso jardim da sua vila de Hollywood e assim foi ali fotografada. O *cocktail* aperitivo, é por ela tomado naquela *toilette* estranha que só a sua grande beleza pode tornar interessante.

Em breve as senhoras substituirão os seus vestidos de interior luxuosos e femininos, pelo arrapazado pijama que tudo está vencendo. No desporto, sobretudo no de inverno, não se distinguem os rapazes das meninas, que com elles competem em ousadia e arrojo. Schiaparelli, o criador dos vestidos de desporto, tem este ano o mais completo triunfo nos trajes de *ski* como bem o demonstra a fotografia de M.^{lle} de Brévannes, que em Saint Moritz tem sido notada pela sua requintada elegância, que a nós pela falta de hábito nos parece um pouco estranha. As calças em *jersey* impermeável, azul escuro, vão até aos grossos sapatos de onde saem peúgas de lã com barra azul marinho. Debaixo do casaco, em *tricot* de lã azul escuro, vê-se uma blusa em lã vermelha com pintas brancas. A *écharpe* é formada por duas tiras, uma branca e a outra vermelha, enroladas e atadas. A boina, posta de lado, é de forma ponteguda e as luvas de canhões são de *tricot*, em lã vermelha. E esta interessante rapariga na sua *toilette* de *ski*, parece-nos um arrojado rapazote. Mas o seu desembaraço no *ski* justifica a sua *toilette*.

De mulher para mulher

Violeta branca—Em cerimónia de casamento, para ir à igreja, sobre o vestido de *«toilettes»* pode usar um casaco de peles, se tem um bonito casaco, ou então um casaco pequeno em veludo, com gola de pele na cor do vestido. Se o vestido tem a manga curta, naturalmente, que tem de levar luvas altas.

Apassionada—Isso depende da vontade de seus pais e das relações que já existam com esse rapaz. Em geral só frequentam a casa depois do pedido oficial. Mas as praxes estão de tal maneira modificadas, que sobre elas é difícil aconselhar e não pode ter melhor conselheira do que sua mãe.

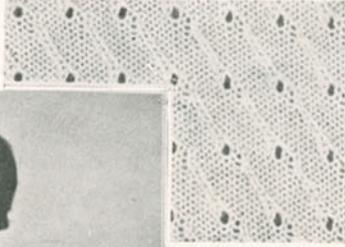
Elegante — Por enquanto nada há ainda de definitivo na moda de primavera, o que já se sabe é que os chapéus de palha já fizeram, em Paris, uma triunfante aparição. O que não condiz com o frio que estamos



sojrendo. As luvas em pele de cavalo, com canhão, são as mais elegantes para esse género de «toilette».

Conselhos úteis

Como limpar os crepes—É preciso primeiro, com todo o cuidado, tirar com uma escóva muito fina toda a poeira; depois estender o crepe sobre uma mesa bem forrada; fixá-lo com alfinetes, mas tomando cuidado em não o esticar muito. Mergulha-se em



um lenço velho, de seda, numa mistura feita com partes iguais de água e de álcool; espreme-se o lenço, depois estende-se sobre o crepe. Toma-se então um ferro de engomar bem quente, passando-o a um centímetro do lenço. É preciso ter muito cuidado em que o ferro não toque no lenço, não somente porque desmancharia o encrespado como também poderia pegar fogo, devido ao álcool. Sob a acção do calor, o líquido evapora-se; quando o lenço estiver seco completamente, tira-se e acaba-se de secar o crepe com o ferro, mas tendo o maior cuidado de o conservar sempre a um centímetro do tecido. Dá esplêndido resultado e é a maneira mais prática de fazer um luto sem gastar muito em crepe. É verdade que agora o crepe só é empregado nos grandes lutos.

Gentileza antiga

NUM estudo sobre Chateaubriand, conhecido pelo seu alto espírito e pelas suas conquistas amorosas, entre as quais a lindíssima madame de Récamier, conta-se a seguinte anedota: Em 1813 a rainha Hortense e madame de Récamier estavam em Roma e as duas jovens mulheres, aventureiras, apesar dos conselhos das amigas, gostavam de ir passear à noite, sós, pela via Appia. Uma noite junto do túmulo de Cecilia Metella, dois vagabundos assaltaram-nas e reclamaram a bolsa e as jóias. Assustadas, as duas

senhoras apressaram-se em dar aos ladrões tudo o que levavam de precioso. Um dêles, seduzido pela sua beleza, com ares de cavaleiro antigo, restituiu o roubo com a condição de poder beijar as duas jóvens, que consentiram, se deixaram beijar e receberam as suas jóias e dinheiro. Eram galantes, gentis os ladrões de há um século. Como as coisas têm mudado nos nossos dias, em que ninguém troca objectos preciosos por um beijo.

Receitas de cosinha

Gelado de laranja—

É sempre necessário ter uma sobremesa boa e fácil de executar, quando aparece uma visita inesperada. O gelado de laranja está nesses casos. Faz-se com os seguintes ingredientes: 4 ovos, chávena e meia de açúcar, chávena e meia de água, 6 folhas de gelatina branca, raspa de uma laranja. Batem-se as gemas com o açúcar até ligar bem e as claras em neve. Desfaz-se a gelatina na chávena e meia de água a ferver, que deve ter já a raspa da laranja. Deita-se esta água para dentro das gemas, mexendo com muita pressa, em seguida deitam-se as claras, mistura-se tudo e deita-se logo na vasilha em que se hade servir, de preferência numa tija de cristal. Quem não gostar de laranja substitua-a por baunilha, que dá também um agradável perfume e ficará então sendo gelado de baunilha.

Trabalhos femininos

COM a continuação do frio, continua a voga das blusas, dos «pull-overs», dos «sweaters» de lã que, debaixo dos casacos, tanto nos abrigam. Damos hoje um outro modelo graciosíssimo que, certamente, agradará às nossas leitoras. Dentro de um vestido «tailleur» tem o gracioso aspecto de um colete. Acompanhamos o modelo com a amostra do ponto em que é feito, que tem a particularidade, como verão, de se poder usar de um lado ou do outro, indiferentemente, o que é da maior comodidade, pois cada qual escolhe o lado que mais gosta para executar este lindo modelo. O original é em malha Dubied, mas pode perfeitamente ser executado à mão. Uma das coisas que não deve esquecer a quem faz estes trabalhos é cortar primeiro o modelo em papel, para não desperdiçar lã e ter a certeza que o trabalho fica perfeito. Seguindo-o à risca deve ficar um lindo modelo.

Pratos armados

NUMA mesa elegante não é só com a boca que se come, é preciso agradar aos olhos, e nada mais bonito do que a apresentação dos pratos armados com elegância e graça. Damos hoje uma gravura com três lindos pratos. Um pudim gelado. Uns bolos e um prato de «galantine» armado de forma a parecer um pequeno porco espinho.

Qualquer destes pratos num jantar de festa, numa ceia, num lanche, seria por si só a ornamentação da mesa, como as nossas leitoras podem ver. É fácil fazer qualquer dêles. O gelado pode ser o seu preferido e usual, e tudo depende da forma. Os bolos podem armar-se quaisquer, até sonhos desta maneira ficam bem, e a «galantine» é mandá-la fazer desta forma, que tem o aspecto do porco espinho, e guarnece-se com palitos enfiados em tiras fininhas de presunto fiambre. O focinho faz-se com os palitos partidos ao meio. É de um belo efeito e guarnece lindamente uma mesa.

Higiene e beleza

O cuidado com os braços é muito recomendável porque não há nada mais feio do que ver uma senhora com um vestido de noite de onde saem uns feios braços. Os exercícios de cultura física contribuem para o bom desenvolvimento dos braços, enquanto uma higiene adequada os mantém brancos e aveludados. A água e o sabonete com algumas gotas de amoníaco líquido é o que há de melhor para a lavagem matinal dos braços. Depois de os ter lavado com esta mistura é conveniente lavá-los com água pura, que tira as partículas de sabonete que tenham podido penetrar nos poros, secando e gretando a pele. Se se produzem irritações desaparecem lavando-os com água fresca e empoando-os com pó de amido. O costume de apoiar o cotovelo é muito mau, porque deforma os braços.

Contra o pêlo dos braços é conveniente esfregá-los com o seguinte preparado: Bisulfito de cálcio, 40 gramas; glicerolado de amido, 20 gramas; amido, 20 gramas. Existem outras fórmulas, mas o seu emprêgo é perigoso. Quando o pêlo é muito ligeiro não há necessidade de o arrancar, basta descolorá-lo com a seguinte composição, que se emprega em compressas todas as manhãs: Água de rosas, 100 gramas; água oxigenada, 10 gramas. E há ainda a electricidade para o pêlo forte e resistente.

Pensamento

Em todos os tempos os pequenos sofrerão com as tolices dos grandes.

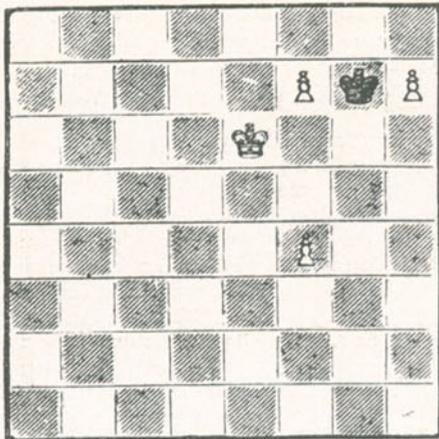
(LA FONTAINE).



Fim de festa

XADREZ

Pretas—(1)



Branças—(4)

As brancas jogam e dão mate em 3 lances.

Num problema com o menor material possível — um simples pião — foi construído há muitos anos por E. T. Cook. É sem dúvida muito fácil, e vem a propósito. Era este.

Rei branco em 2 B D, Pião branco em 7 C R e o Rei preto em 8 T D. As brancas jogam e dão mate em 2 lances.

O problema que agora propomos, da autoria de Sam Loyd, é apenas com três piões. As brancas jogam e dão mate em 3 lances.

SUICÍDIOS

Segundo as recentes estatísticas, é na Rússia, na região de Moscou, que ocorrem mais suicídios. Mas os Soviets souberam até agora esconder o número exacto. Segundo o cálculo, dizem que é de 1, anualmente, para cada 800 habitantes.

Anualmente também há, na Suíça, 1 suicídio para 3.965 habitantes; na Dinamarca, 1 para 5.000; em Hamburgo, 1 para 5.000 igualmente; em Paris, 1 para 6.000; em Saxe, 1 para 6.500; na Prússia, 1 para 8.081; em Nova York, 1 para 8.883; em Praga, 1 para 10.000; em França, 1 para 13.464; na Inglaterra, 1 para 15.067; nos Estados Unidos, 1 para 22.263; na Bélgica, 1 para 27.488; e a Sardenha fecha essa lista com 1 suicídio anual para cada 50.313 habitantes.



O GERENTE PARA A NOVA DACTILO-
GRAFA: — REPARO QUE SE ENGANA ALGUMAS VEZES...
A DACTILOGRAFA — TAMBÉM SE UMA PESSOA SE
NÃO ENGANASSE DE VEZ EM QUANDO, NUNCA REPARAVAM
NELA NESTE ESCRITÓRIO!

(Do «Punch»)

CONSELHOS PRÁTICOS

Conhecer os nossos semelhantes é uma coisa tão vital, tão importante, que, se me perguntassem qual a primeira condição para se fazer bons negócios, responderia:

— Conhecer os homens.

E se me perguntassem qual a primeira virtude para se chegar a ser homem de Estado, advogado insigne ou educador notável, responderia:

— Conhecer os homens.

E se tivéssemos de aprender uma só coisa neste mundo, qual seria a mais necessária, a mais indispensável?

— Conhecer os homens!

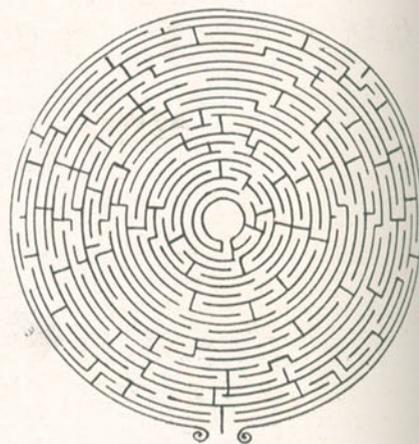
PAULO MANTEGAZZA.

Na cura dos calos obtém-se óptimos resultados com a seguinte fórmula: ácido salicílico, 1 grama; extrato de cânhamo indico, 1/2 grama; álcool, 1 grama; éter, 2 grammas; colódio eléctrico, 5 grammas. Conserve-se em vidro herméticamente fechado.

Mais processos para apagar as manchas de gordura: — Facilmente são apagadas nos tecidos de linho, algodão e lã, esfregando-se com sabão, deixando-se secar sem torcer e depois, novamente, lavando pelo mesmo processo. — Também se emprega a essência de terebentina particularmente para a seda, com a precaução de se esfregar a mancha com um trapo branco e macio, até secar o tecido manchado. — Usem também a gema de ovo fresco ou fel de boi. É condição primordial, seja qual for o processo empregado, lavar o tecido com água fresca, no final da operação.

Para que as galinhas não percam as penas devem ser alimentadas com nabos frescos uma vez por semana, pelo menos. Outro bom processo é o de fazê-las beber um pouco de óleo de rícino, de quinze em quinze dias.

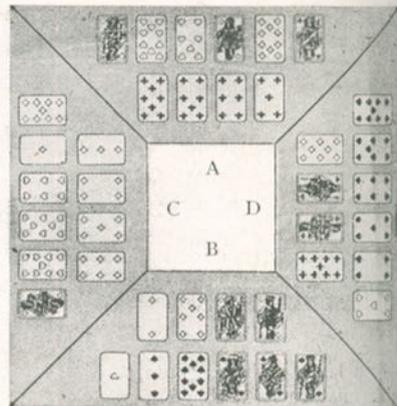
LABIRINTO



Qual o caminho mais curto para chegar ao centro?

BRIDGE

Por terem saído trocadas as iniciais que indicavam os parceiros no problema de Bridge do nosso número anterior, do que resultou ficar o problema incompreensível, tornamos hoje a publicar o mesmo problema devidamente corrigido.



Copas é trunfo. B é mão e pretende fazer, é só, seis das dez vvas, que faltam para acabar o jogo. Como proceder êle e o parceiro, para conseguir êsse resultado?

ANEDOTAS

— Gertrudes, vocemecê não encontrou um cesto de ovos que eu mandei pôr esta manhã na cozinha?

— Encontrei, sim, minha senhora; por tal sinal que até tropecei nêle e lhe caí em cima!

— O meu maior prazer é fumar um charuto depois de jantar. Mesmo que tenha de dispensar êste, o que não dispenso é um charuto depois dêle.

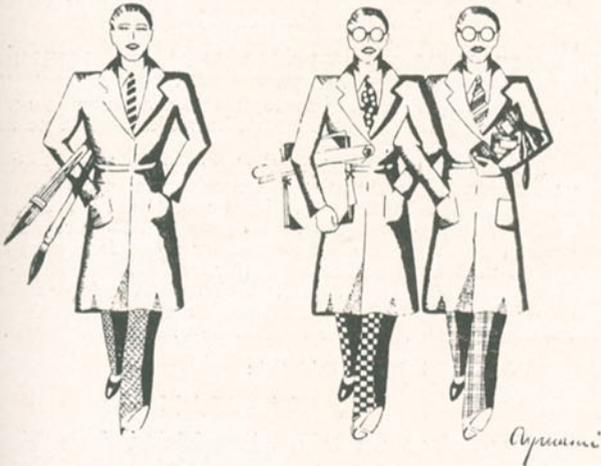


É O QUE PREGUNTAM UNS AOS OUTROS TODOS OS ANIMAIS DOS ARREDORES E CHEGAM A AVERIGUAR QUE FOI UM PARDAL, COM UMA SETA. ONDE ESTARÁ O CRIDNOSO E A MÃE DA VÍTIMA?



ELA: — É DIFÍCIL ESCRIVER BEM?
O ESCRITOR NOVATO. — ABSOLUTAMENTE NADA,
MINHA SENHORA. O QUE É DIFÍCIL É CONVENCER O PÚBLICO
DE QUE SE ESCRIVE BEM.

(Do «Punch»)

GRAVADORES**IMPRESSORES**TELEFONE
2 1308**BERTRAND
IRMÃOS, L^{DA}**

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

PAULINO FERREIRA

ENCADERNADOR - DOURADOR

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS
A ELECTRICIDADE**CASA FUNDADA EM 1884**

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — DIPLOMAS DE HONRA na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo**Orçamentos Grátis**

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

O MESTRE POPULAR

OU

O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de tôdas as inteligências e de tôdas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros por JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA

S.^a EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

**NOVO DICIONÁRIO
DA
LÍNGUA PORTUGUESA**

Por CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc.

QUARTA EDIÇÃO

Muito corrigida e copiosamente aumentada.

O Novo Dicionário é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa

A aparição do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, em 1900, foi calorosamente saudada pela imprensa periódica de Portugal e do Brasil.

Em sessão da Academia das Ciências fêz o elogio da obra o falecido académico Gonçalves Viana, grande autoridade portuguesa em assuntos de lingüística; e a principal corporação literária e científica da vizinha nação, a Real Academia Espanhola, que raros estrangeiros recebe no seu grémio, elegeu seu sócio o autor do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, aprovada a proposta, feita nesse sentido, pelo famoso escritor e diplomata Juan Valera, pelo filólogo e senador Daniel de Cortejar e pelo sábio Mir.

Podemos afirmar que o autor, à custa de longas e incalculáveis fadigas, conseguiu reunir, em tôdas as esferas da actividade e do saber humano, cerca de 130.000 vocábulos portugueses que ainda não estão registrados nos menos incompletos e menos imperfeitos dicionários da língua pátria.

Um dicionarista conhecido, cuja obra abrange realmente numeroso vocabulário, ufana-se de que o seu dicionário abranja 66.000 vocábulos. Acrescente-se a esta cifra mais 53.613 e entrever-se-á que os vocábulos reunidos pelo sr. Dr. Cândido de Figueiredo no NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, abrange nesta nova edição um número que atinge 119.613 vocábulos ou artigos.

2 grossos vol. sólidamente enc. em carneira 250\$00

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA**Estoril-Termas**ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■■■

**Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulverisações, etc. — — — —****FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —****MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS**

Consulta médica: 9 às 12

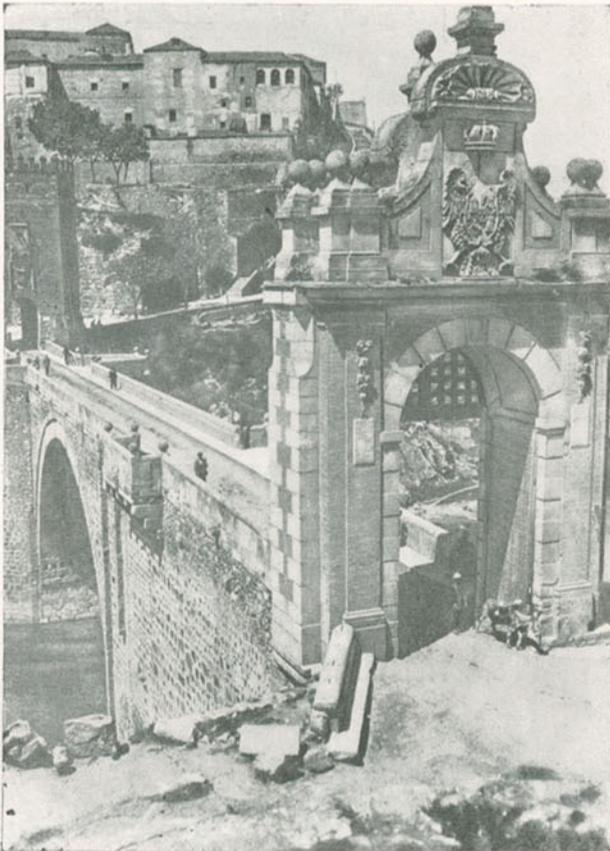
Telefone E 72

A' VENDA EM TODAS
AS BOAS LIVRARIAS

TOLEDO

IMPRESSÕES
E EVOCAÇÕES

por ANTERO DE FIGUEIREDO



PORTA «DEL PUENTE DE ALCANTARA»

1 Volume de 226 páginas
brochado Esc. 10\$00



PEDIDOS AOS EDITORES
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

COLEÇÃO FAMILIAR

VOLUME
BROCHADO
Esc. 7\$00

P. B.

VOLUME
ENCADERNADO
Esc. 12\$00

Romances morais próprios para senhoras e meninas

Esta coleção, especialmente destinada a senhoras e a meninas, vem preencher uma lacuna há muito sentida no nosso meio literário.

Nela serão incluídas somente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entreccho romântico sugestivo interêsse, oferecem também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto, numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e de seduções, quer, desabrochada em flôr após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escriña de virtudes conjugais.

VOLUMES PUBLICADOS:

M. MARYAN

Caminhos da Vida. Em Volta dum Testamento. Pequena Rainha. Dívida de Honra. Casa de Família. Entre Espinhos e Flôres. A Estátua Velada. O Grito da Consciência. Romance de uma herdeira. Pedras Vivas.

VOLUMES NO PRELO:

Casa sem Porta. A Pupila do Coronel.

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80—LISBOA

Acaba de sair a 3.^a edição

DE

ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES

POR

AQUILINO RIBEIRO

«Os descritivos do romance, que muitos são, insinuando-se-nos alguns na retina como paisagens de mestre, encontram parceiros condignos aos diálogos que o salpicam e em que é flagrante a naturalidade.» — *César de Frias*.

1 vol. de 356 páginas, brochado. . . . **12\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos á

LIVRARIA BERTRAND
73 Rua Garrett, 75—LISBOA

ESTÁ À VENDA O

Almanach Bertrand

Fundado por Fernandes Costa e coordenado por D. Maria Fernandes Costa

UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa — RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matematica muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos.

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 452 gravuras, cartonado **10\$00**
Encadernado luxuosamente **18\$00**

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

33.º — ANO — 1932

**Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopédia da Vida Prática

COLECCÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS
OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS

A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensavel em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz tambem plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artisticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia

Obra de incontestavel utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGENCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMESTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO TOUCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMÉSTICOS — MANUAL DO LICOREIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COUROS E PELES — ANIMAIS DANINHOS — COPA E DOÇARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE NÓDOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUBOS — HORTICULTURA — VETERINARIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

**1 GROSSO VOLUME DE 1.152 PÁGINAS LINDAMENTE ENCADERNADO
EM PERCALINA A CÔRES E OURO, CUSTA APENAS 30\$00**

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Acaba de sair a 9.^a edição
DE
Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através d'êste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».
 — Julio Dantas.

1 vol. de 276 pags., brochado

10\$00

Pedidos à **Livraria Bertrand**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM DOS MELHORES BRINDES

Biblioteca das Noivas

Organizada por **César de Frias**

O Amor — A Mulher — O Lar

Cada volumezinho, broc. **3\$00**

Pedidos à **Livraria Bertrand**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

por **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APÊNDICE: *O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.*

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, **15\$00**

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

OS GRILHETAS DO KAISER

por **THEODORE PLIVIER**

Marinheiro alemão durante a Grande Guerra

A epopeia trágica da esquadra alemã e a sua destruição

A obra máxima sobre a guerra europeia

A CELEBRE BATALHA NAVAL DA JUTLANDIA

e os seus horrores, vistos por um marinheiro russo

Este livro, traduzido em quasi todas as linguas, suplantou em exito o celebre «Nada de Novo na Frente Ocidental». Apesar de prohibida a sua venda na Alemanha, devem-no ter lido em todo o mundo para cima de **50 milhões de pessoas**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



ANTOLOGIAS PORTUGUESA E BRASILEIRA

Verdadeiro tesouro da língua e literatura portuguesa e brasileira, esta colecção destina-se a tornar facilmente conhecidos e estimados os melhores prosadores e poetas portugueses e brasileiros, antigos, modernos e contemporâneos. Todas as obsoletas modalidades de ortografia, pontuação, disposição tipográfica, etc., que tornam difícil ao comum do público a leitura dos clássicos mais antigos, são alteradas e modernizadas com cuidado, dando-se quanto possível a esta importante biblioteca um aspecto material moderno e convidativo.

Com intuito de simplificação e vulgarização, excluiu-se o texto que tornava pesada a sua leitura: citações de fontes, longas e difíceis transcrições latinas e passos de conteúdo literário menos interessante, etc. E para que os volumes possam ser admitidos sem escrúpulo nas famílias, serão criados e arredados, na escolha feita, os termos ou textos considerados impróprios.

As Antologias recomendam-se especialmente:

As *Famílias* cuidadosas da boa educação literária de seus filhos;

As *Escolas*, necessitadas de textos para a leitura doméstica, e comentário nas aulas de língua, história e literatura nacionais;

Aos *Moços Poetas e Prosadores*, que assim encontrarão à mão os melhores modelos, guias e mestres;

Aos *Estrangeiros* estudiosos da língua e dos génios literários, a quem se oferece uma ampla e acessível vista de conjunto sobre este vasto campo;

A todos aqueles que, desejosos de completar a sua educação geral, com justa razão se queixam de que o tesouro da literatura portuguesa e brasileira jaz enterrado, ou na raridade e alto custo das edições antigas não refeitas, ou na vastidão da obra de tantos escritores, ou no carácter erudito de algumas das modernas edições.

Estas colecções têm encadernação própria, ao preço de **4\$00**

ANTOLOGIA PORTUGUESA

Ordenada, prefaciada e enriquecida de notas e comentários pelo Dr. Agostinho de Campos

JÁ PUBLICADOS:

Afonso Lopes Vieira (1 vol.)

Alexandre Herculano (1 vol.)

Antero de Figueiredo (1 vol.)

Augusto Gil (1 vol.)

Camões lírico (4 vols.)

Eça de Queirós (2 vols.)

Fernão Lopes (3 vols.)

Frei Luís de Sousa (1 vol.)

Guerra Junqueiro (1 vol.)

João de Barros (1 vol.)

Lucena (2 vols.)

Manuel Bernardes (2 vols.)

Paladinos da linguagem (3 vols.)

Trancoso (1 vol.)

Estes volumes são do formato 12×19 e têm 320 a 360 páginas

Cada volume brochado **12\$00**

ANTOLOGIA BRASILEIRA

Ordenada, prefaciada e enriquecida de notas e comentários pelo Dr. Afrânio Peixoto

JÁ PUBLICADOS:

Castro Alves (1 vol.) — **José Bonifácio** (1 vol.) — **Vieira Brasileiro** (2 vols.)

ASSINATURAS — Similarmente ao que estabelecemos para a *História de Portugal*, por Alexandre Herculano, facultamos a aquisição das *Antologias*, Portuguesa e Brasileira, por assinatura, sendo a remessa dos seus volumes feita em períodos semanais, quinzenais ou mensais, conforme o sr. assinante quiser e no-lo determinar no seu pedido. Assim adquirirá êle esta obra notabilíssima, cuja presença por si só honra uma biblioteca, nas condições mais favoráveis a pouco e pouco e sem qualquer encargo pesado.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

CONTINENTE E ILHAS — Incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, cada vol. em br. 12\$00

" " " — Encadernado em percalina, com ferros especiais e letras a ouro 16\$00

COLÓNIAS PORTUGUESAS — Pagamento adiantado — Incluindo despesas de correio e embalagem, os mesmos preços do Continente e Ilhas

Para assinar esta obra basta, num bilhete postal, requerê-lo aos editores

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Simopla

BOLACHAS

A GRANDE
M A R C A
PORTUGUESA

Variadas e
saborosissimas
qualidades

UM UNICO FABRICO
O MELHOR

NACIONAL